

# o Prelo

## A HISTÓRIA DO



## NO BRASIL



**Burle Marx**  
O trabalho do maior paisagista brasileiro preservado em Guaratiba



**Teresópolis**  
O município mantém charme e muitos atrativos sob o Dedo de Deus

# VOCÊ VAI PRECISAR TER O SEU CERTIFICADO DIGITAL, ENTÃO, QUE SEJA UM OFICIAL.

## O CERTIFICADO DIGITAL DA IMPRENSA OFICIAL, ENTRE OUTRAS VANTAGENS, OFERECE:

- Economia de até 15% para as microempresas, empresas de pequeno porte e os microempreendedores individuais.
- Certificado emitido na hora, testado e pronto para uso.
- Padrão ICP-Brasil. A única assinatura digital com validade jurídica.
- Segurança em transações eletrônicas.

**IMPORTANTE:** A PARTIR DE AGORA  
O CERTIFICADO DIGITAL É OBRIGATÓRIO  
PARA REALIZAR SERVIÇOS OFERECIDOS  
PELO GOVERNO.

Faça já o seu agendamento aqui:

[www.io.rj.gov.br](http://www.io.rj.gov.br)

Ou ligue 0800-2844675, das 9h às 18h.



ADQUIRA O SEU CERTIFICADO DIGITAL EM QUALQUER UM DOS SEIS ENDEREÇOS DISPONÍVEIS:

**NITERÓI:** Rua Professor Heitor Carrilho, 81 - Centro, Niterói/RJ

**NITERÓI:** Av. Visconde do Rio Branco, 360 - 3º piso, loja 321 (Shopping Bay Market) - Centro, Niterói/RJ

**RIO DE JANEIRO:** Rua São José, 35 - Salas 222/224 (Ed. Garagem Menezes Cortes) - Centro, Rio de Janeiro/RJ

**SÃO GONÇALO:** Av. São Gonçalo, 100, 3º Piso (São Gonçalo Shopping, Rio Poupa Tempo) - Boa Vista, São Gonçalo/RJ

**SÃO JOÃO DE MERITI:** Rodovia Presidente Dutra, 4.200 (Rio Poupa Tempo) - Jardim José Bonifácio, São João de Meriti/RJ

**BANGU:** Rua Fonseca, 240 - 2º andar (Bangu Shopping, Rio Poupa Tempo) - Bangu, Rio de Janeiro/RJ



**Sérgio Cabral**  
GOVERNADOR

**Regis Velasco Fichtner Pereira**  
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL



**Haroldo Zager Faria Tinoco**  
Diretor-Presidente

**Valéria Maria Souto Meira Salgado**  
Diretora Administrativo-Financeira

**Jorge Narciso Peres**  
Diretor-Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81  
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230  
Telefone: 2717-4141 PABX

[www.imprensaoficial.rj.gov.br](http://www.imprensaoficial.rj.gov.br)

**o Prelo** ANO X nº 32

Revista de Cultura da Imprensa  
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81  
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230  
Assessoria de Comunicação Social - ASCOP  
Tels: (21) 2717-4682

Endereço eletrônico:  
[oprelo@imprensaoficial.rj.gov.br](mailto:oprelo@imprensaoficial.rj.gov.br)

Editado pela Assessoria de  
Comunicação Social da Imprensa Oficial

Assessora de Comunicação:  
**Debora Ghivelder**

Redator:  
**Luiz Augusto Erthal**

Estagiários:  
**Daniel Ruela**  
**Isabel Muniz**  
**Mariana Ghetti**  
**Natan Pereira**  
**Rafael Ribeiro**  
**Thaís Brito**

Programação Visual:  
**Angela Duque**  
**Luís Fernando da Silva Reis**

Revisão:  
**Assessoria de Comunicação Social**  
**da Imprensa Oficial**

Capa: Foto de Rogério Reis/Tyba, Luiz  
Augusto Erthal e Daniel Ruela

IMPRESSA NO PARQUE GRÁFICO DA  
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

## NESTA EDIÇÃO

### IDIOMA

04 Português para inglês ver



### LITERATURA

06 Livro no Brasil: mais de  
duzentos anos de história

### HISTÓRIA

10 O Príncipe Rebelde



### MÚSICA

12 Quinze anos de  
Música no Museu

### CULTURA

14 A militância cultural do Arte Jovem



### ARTES

15 A História na palma da mão

### MEMÓRIA

18 Preservação, difusão e  
pesquisa no Sítio Burle Marx



### EDUCAÇÃO

23 Cursos online gratuitos: uma maneira  
fácil de adquirir conhecimento

### CINEMA

24 Câmeras para o povo



### MUNICÍPIOS

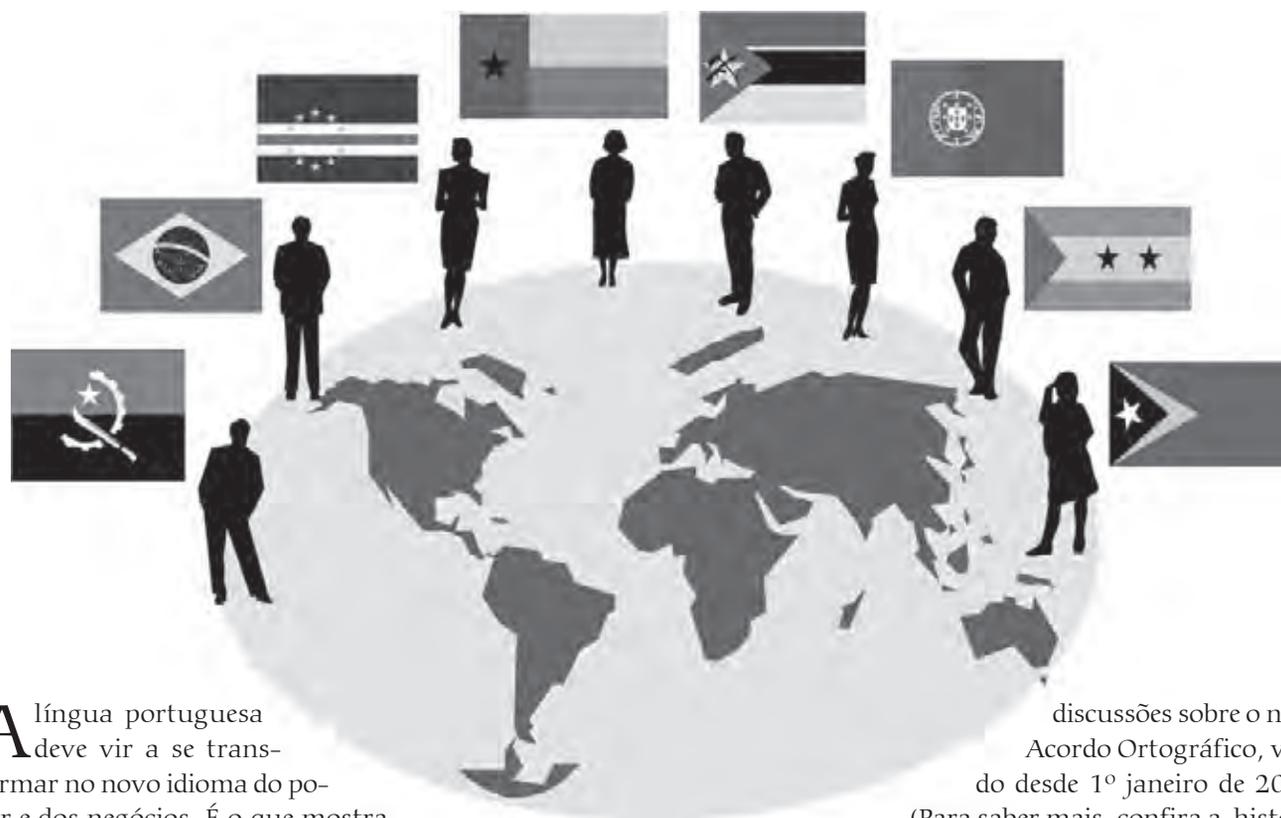
28 TERESÓPOLIS:  
Glamour e tradição aos  
pés do Dedo de Deus

AS OPINIÕES EMITIDAS NAS MATÉRIAS SÃO DE RESPONSABILIDADE  
EXCLUSIVA DOS AUTORES

# Português para inglês ver

*Revista britânica resalta a necessidade de aprender a língua portuguesa por conta do crescimento econômico de países lusófonos*

THAÍS BRITO



A língua portuguesa deve vir a se transformar no novo idioma do poder e dos negócios. É o que mostra a edição de outubro da revista britânica *Monocle*, publicação especializada em relações internacionais. A edição especial, intitulada *Geração Lusofonia*, dedicada aos países que falam o idioma, faz esta aposta por conta do crescimento de oportunidades de negócios em diferentes áreas, a perspectiva de superação da crise econômica portuguesa, a Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016, que terão como sede o Brasil, entre outros fatores. Com artigos sobre política, economia, cultura e design, o veículo traz ainda uma entrevista com o ministro brasileiro das Relações Exteriores, Antônio Patriota, que também é mencionado no artigo de abertura, escrito pelo editor Steve Boomfield, segundo quem já era tempo do mundo reparar no universo lusófono. “É hora do resto do mundo começar a aprender um pouco de português”, escreve Boomfield.

Neste contexto de promoção do idioma, órgãos, institutos e associações que têm como meta a ampliação do ensino da língua e de agregar propostas para internacionalizar o português têm se destacado. A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), criada em 1996, reunindo Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, englobando, assim, quatro continentes e 230 milhões de pessoas com a adesão do Timor Leste em 2002, é uma das principais agentes. Já, no caso do Brasil, a Comissão de Língua Portuguesa, órgão ligado ao Ministério da Educação (MEC), surgido em 27 de setembro de 2005, apresenta papel fundamental no apoio em atividades de divulgação do idioma no exterior. Foi ela, por exemplo, a representante do Brasil durante as

discussões sobre o novo Acordo Ortográfico, válido desde 1º janeiro de 2009. (Para saber mais, confira a história na página ao lado.)

“A unificação da língua portuguesa se dá por motivos políticos, econômicos, de tentativa de transformá-la em um idioma multinacional. É um processo de descolonização linguística e, por isso, é interessante o Brasil ser o primeiro a usar. Além disso, existe essa movimentação agora para dar continuidade ao novo acordo que foi assinado em 16 de novembro de 1990, em Lisboa. E por que somente agora? Porque tem uma injunção política e ideológica em torno disso, a questão não é só linguística”, explica o professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro Phellipe Marcel.

Assinado por todos os países da CPLP, o novo Acordo Ortográfico permitiu uma unificação da língua portuguesa, que é a sétima mais falada no mundo com 178 milhões de pessoas, ficando somente atrás

do chinês no topo, seguido do espanhol, inglês, árabe, hindi e bengali, segundo o site ethnologue.com, um banco de dados de pesquisas das línguas do mundo.

A maior visibilidade do idioma e o crescimento da importância de países que falam a língua são motivos que têm despertado o interesse de muitos estrangeiros em aprender e viver nestes lugares, o que faz com que este número tenda a subir. É o caso do engenheiro colombiano Carlos Esteban Henao Grisales, de 27 anos, que após fazer um intercâmbio nos Estados Unidos decidiu se estabelecer no Brasil após conseguir um trabalho no país em uma empresa de montagem e construção industrial, localizada em Niterói, cidade da região metropolitana do Rio de Janeiro.

“Achei interessante esta opção por várias razões: ia trabalhar numa empresa da área do petróleo – que é uma linha muito interessante e bem desenvolvida no Brasil –, teria a oportunidade de aprender uma nova língua, fora melhores condições de trabalho e salários. Além disso, receberá grandes eventos esportivos que estão ligados diretamente com o desenvolvimento e crescimento do país. Somado a isso, a aprendizagem de uma nova língua sempre é uma ferramenta a mais que nós, como profissionais, podemos utilizar para nos qualificar melhor”, explica.

No Brasil por conta de um intercâmbio acadêmico na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a estudante alemã Melitta Capolei, de 22 anos, também foi movida pela

vontade de aprender uma nova língua e acredita que a escolha pelo português será útil para sua carreira.

“Eu tinha muita curiosidade de conhecer o Brasil. Como eu queria aprender uma nova língua, resolvi vir para cá por ser o único país a falar um idioma diferente do espanhol na América Latina. Ao mesmo tempo, falar o português pode acrescentar muito na minha vida profissional porque há um grande interesse no idioma. Na Alemanha, por exemplo, há alguns anos era difícil encontrar um curso que ensinasse a língua, mas agora existem muitos. O interesse vem aumentando tanto que na televisão alemã são exibidos muitos documentários sobre o país”, conta a aluna que veio de Berlim. □



## Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa será obrigatório em 2016

*Brasileiros ganham mais tempo para se adaptarem às novas regras de ortografia*

O prazo de adequação ao novo Acordo Ortográfico chegaria ao fim no último dia de 2012, mas decreto assinado pela presidente Dilma Rousseff e publicado dia 28 de dezembro, no Diário Oficial da União, adiou a data da adoção obrigatória das novas regras para de 1º de janeiro de 2016. A partir desta data, o uso das novas regras passará a ser exigido em vestibulares, concursos, seleções públicas e provas escolares que cobrem saberes sobre ortografia. “A obrigatoriedade é pra fins públicos, é para o estado poder cobrar realmente a adoção. As provas de concursos, por exemplo, já estavam sendo escritas conforme o novo acordo, mas, a partir de agora, vai ser cobrado o conteúdo. No caso de livros, ensino em colégios, jornalismo, textos em internet, tradução de programas para o português, o novo Acordo Ortográfico já estava sendo adotado”, explica o professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro Phellipe Marcel.

### ENTENDA O ACORDO ORTOGRÁFICO

A questão de unificar a escrita da língua portuguesa surge no início

do século XIX, quando o escritor Almeida Garret defendeu a simplificação e criticou a falta de normas que regularizassem a ortografia, e permanece até hoje.

O atual documento em vigor tem origem no Acordo de Ortografia Simplificada entre Brasil e Portugal para a Lusofonia, de 1990, que é uma versão do texto de 1986, criado na reunião de representantes dos sete países de língua portuguesa – Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe – no Rio de Janeiro. A aprovação oficial do acordo pelo Brasil e por Portugal só acontece, no entanto, em 1995, fazendo com que passe a ser reconhecido como o Acordo Ortográfico de 1995. Três anos depois, no Primeiro Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, estabelece que os membros da CLPL devem ratificar as normas propostas para que este seja implantado.

Já nos anos 2000, a questão da unificação ganha mais força. Primeiro, mais um membro, o Timor Leste, que se tornara independente, foi incorporado à CLPL em 2002. Depois, foi a vez da aprovação do Segundo Protocolo

Modificativo ao Acordo da Língua Portuguesa prever que bastava somente a ratificação de três membros para entrar em vigor em 2004. No mesmo ano, o Brasil assina, seguido por Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, em 2006, permitindo a vigoração do acordo, tendo Portugal aprovado em 2008.

A principal proposta do acordo é “unificar a ortografia da língua portuguesa que, atualmente, é o idioma do ocidente que tem duas grafias – a do Brasil e a de Portugal”, fazendo com que as diferenças sejam resolvidas em 98%, acarretando alterações na forma de escrever em 1,6% do vocabulário usado em Portugal e de 0,5% no Brasil, segundo o Ministério da Educação (MEC). O projeto facilita a circulação de matérias como, por exemplo, documentos oficiais e livros entre os países falantes de português, sem que haja a necessidade de adaptação do texto. Somado a isso, o fato de existirem duas grafias oficiais dificultava o estabelecimento do português como um dos idiomas oficiais da Organização das Nações Unidas.

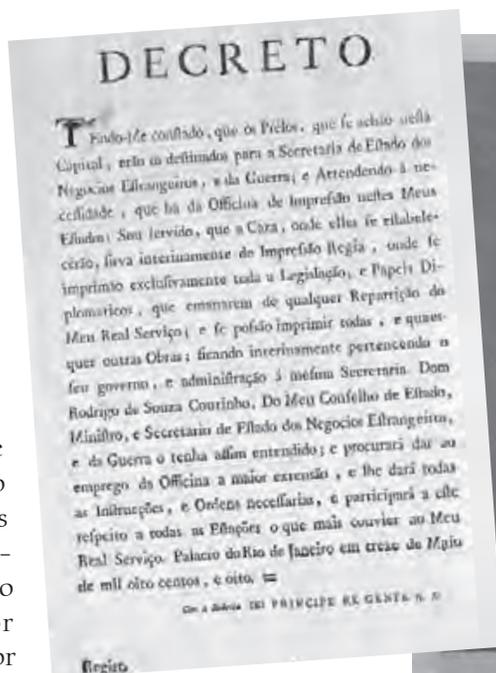
# Livro no Brasil: mais de duzentos anos de história

*“Um país se faz com homens e livros”. A célebre frase de Monteiro Lobato revela a importância da educação e da leitura para a construção de uma pátria. Mas poucos conhecem a fascinante trajetória de mais de dois séculos no Brasil deste item fundamental para a difusão do saber*

THAÍS BRITO

**13** de maio de 1808. Esta data marca oficialmente o início da história do livro no país, quando foi colocado um ponto final na interdição à publicação de impressos no Brasil a partir da criação da Imprensa Régia, instalada na cidade do Rio de Janeiro, mediante decreto do príncipe regente D. João. Mas isso não significa que algumas tentativas anteriores não tenham existido como, por exemplo, a do editor-impressor António Isidoro da Fonseca, que implantou a primeira oficina tipográfica no país, em 1747, e publicou os primeiros livros impressos brasileiros, e a do frei mineiro José Mariano da Conceição Veloso, que comandou a Casa Literária do Arco Cego (1799-1801), que pode ser considerada a primeira editora brasileira, embora tenha sido criada em Lisboa, Portugal.

Contudo foi preciso a transferência da família real para o Brasil no início do século XIX para que fosse instalada a primeira tipografia estável e oficial. Os títulos saídos do prelo da Imprensa Régia limitavam-se, inicialmente, aos documentos da administração pública, mas, em pouco tempo, ele passou a publicar obras de medicina, de economia, de direito, de história, além de livros didáticos e periódicos. O monopólio da impressão do novo órgão no Brasil durou até 1811, quando foi concedida licença a Manuel António da Silva Serva para instalar uma tipografia



*Decreto que institui a Imprensa Régia, assinado pelo então príncipe regente D. João*



Acervo Fundação Biblioteca Nacional

em Salvador, na Bahia, que editou obras em latim e em português. Já, na nova capital do Império Português, ela permaneceu sendo a única autorizada a funcionar até 1821.

Além da Imprensa Régia, a criação da Biblioteca Nacional – fundada, oficialmente, em 29 de outubro de 1810 – teve papel relevante para o crescimento da importância do livro no Brasil. O acervo trazido para a nova sede do governo era composto por sessenta mil peças, entre elas, livros, manuscritos, mapas, estampas, moedas e medalhas, tendo parte dele retornado à Europa após o regresso da família real a Portugal. Após a proclamação da independência, a aquisição da até então chamada Biblioteca Real foi regulada mediante a Convenção Adicional ao Tratado de Paz e Amizade, firmado entre Brasil e Portugal, em 29 de agosto

de 1825, funcionando até hoje na capital carioca.

Desta maneira, mesmo com as limitações para a impressão e circulação de livros, existia um comércio de produtos impressos ativo movido por uma classe de leitores formada pelas instituições de ensino e pelos imigrantes letrados no Brasil. É, neste contexto de expansão da imprensa e da leitura, que começa a linha do tempo da história editorial brasileira.

## PRINCIPAIS EDITORES EM AÇÃO NO RIO DE JANEIRO

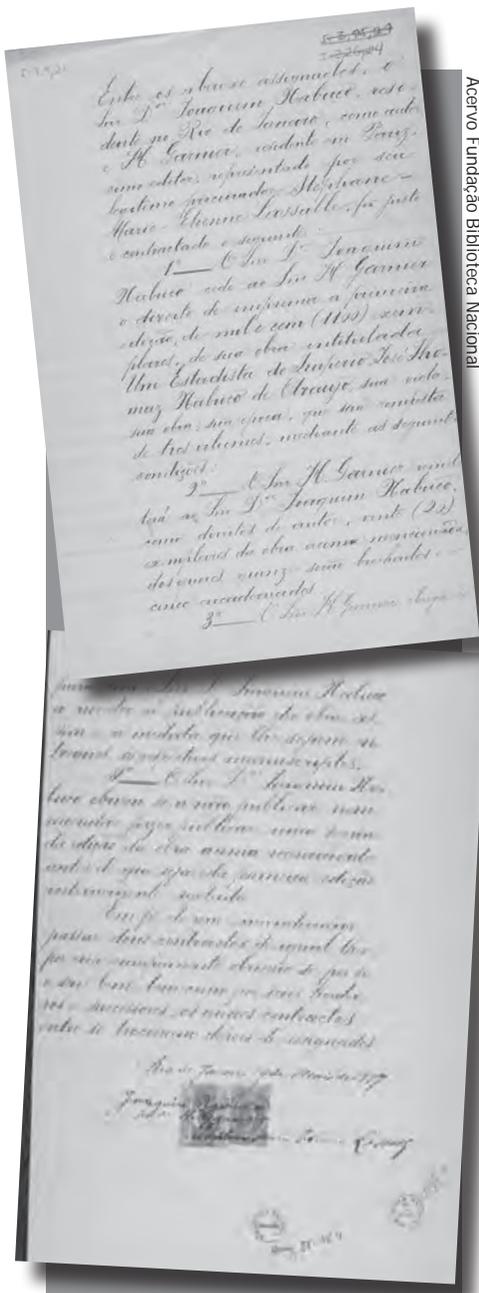
Além de contribuir para o desenvolvimento cultural do Brasil, a Imprensa Régia abriu caminho para o crescimento do número de editores, tipógrafos e livreiros no país. A maioria veio da Europa para se aventurar do outro lado do Atlântico após a vinda da corte, porém

havia profissionais que se formaram no país integrando este grupo. Eles também foram incentivados pela regulamentação da liberdade de imprensa em 28 de agosto de 1821 por decreto de D. Pedro após a Revolução Constitucionalista do Porto, um ano antes, que promoveu um grande interesse pela publicação de novos trabalhos por todo o Brasil.

Ao longo do século XIX, a tradição da influência francesa no mercado de livros no Brasil foi intensificada. Paulo Augusto Martin, mais conhecido como Paulo Martin Filho, foi um dos pioneiros. Seu pai, Paul Martin, francês radicado em Portugal, publicava livros e, assim que se tornou possível imprimir no Brasil, seus filhos, Paulo Augusto e João José, passaram a trabalhar neste ramo. A casa Martin publicou romances, novelas, folhetos políticos e obras como *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, impresso em três volumes em 1810, e *Ensaio sobre a crítica*, de Alexander Pope, que saiu no mesmo ano.

O francês Pierre René Constant Plancher de la Noé, que iniciou sua carreira na França como aprendiz na fundição de tipos de J.C. Gillé, transformando-se em compositor em 1798, também decidiu investir no mercado editorial brasileiro. Depois de diversos problemas políticos com o governo francês, Plancher mudou-se para o Rio de Janeiro em 1824. Enquanto esperava que a al-fândega liberasse seus equipamentos, ele resolveu abrir uma loja provisória na Rua dos Ourives, nº 60, onde comercializava obras de diversos autores, entre eles, D'Alambert, Dumas, Diderot e Mirabeau. Em 10 de junho do mesmo ano, começou a atender na Rua do Ouvidor, primeiro no nº 80, depois nº 95, passando a publicar em português, sobretudo títulos relacionados à política e à administração.

Dentre suas várias publicações, destacam-se a primeira novela brasileira, *Statira e Zoroastes*, de Lucas José de Alvarenga, em 1826, com 58 páginas, e periódicos como o *Spectador Brasileiro*, veículo que durou até 23 de maio de 1827, e o *Jornal do Commercio*, o mais antigo e impor-



Contrato firmado entre Joaquim Nabuco e o editor B. L. Garnier para a primeira edição da obra *Um Estadista do Império* - Jose Tomas de Araujo, sua vida, sua obra, sua época (em três volumes)

tante da cidade do Rio de Janeiro, que adquiriu de Francisco Manuel Ferreira e Cia. quando ainda era chamado de *Diário Mercantil*.

Vale destacar na trajetória de Plancher a incorporação do processo de impressão planográfica conhecido como litografia, que foi inventado em 1798, mas que teve o uso generalizado em 1815, substituindo a gravação em chapas de metal como técnica mais indicada para a ilustração de livros e a impressão de músicas, medida que marcou o negócio.

Por conta da perda do apoio imperial, em 9 de junho de 1832, Plancher vendeu o negócio para Junio de Villeneuve e Réol-Antoine Mougenot, sócio que depois de dois

anos se desligou e voltou para a França. A nova fase da Plancher foi assinalada pela chegada de máquinas nunca antes utilizadas no país: uma impressora mecânica, uma rotativa e uma linotipo, equipamentos que eram usados, sobretudo, na produção de jornais, sendo o livro um segmento menor. Villeneuve retornou à França em 1844 e a firma ficou sob o comando de um sobrinho até 1890 quando passou a ser comandada por José Carlos Rodrigues.

Outro estabelecimento que ocupa papel central no ramo editorial no Brasil é a Livraria Garnier, instalada no Brasil desde 1844 e que teve início na França quando os irmãos François Hippolyte, Auguste Désire e Pierre Auguste criaram a Garnier Frères no Palais Royal, em 1837. Com novas estratégias e métodos inovadores de comércio de livros, criaram uma grande reputação no mercado e coube a outro irmão, Baptiste Louis, expandir o negócio e dirigir uma filial da livraria no Rio de Janeiro, considerado um mercado promissor e estratégico para a distribuição de livros em espanhol para a América Latina.

Em pouco tempo, o empreendimento ganhou destaque e tornou-se a principal casa editorial entre as concorrentes com a edição e publicação de importantes títulos da literatura brasileira e a venda de obras editadas pelos irmãos em Paris. Em 1852, Baptiste assumiu a condição de proprietário exclusivo e depois de sua morte, em 1893, a livraria passou a ser comandada pelo seu irmão Hippolyte. A Garnier, até a década de 20, era considerada a melhor no comércio de livros da capital, sobretudo pela importação de livros de autores europeus em francês e a difusão de escritores da França em geral. Vendida em 1934 a Ferdinand Briguier, transformou-se na Livraria Briguier-Garnier. Em 1951, a Difusão Européia do Livro (DIFEL) assumiu a filial que foi fechada em 1973.

Já provenientes da Alemanha, os irmãos Eduard e Heinrich Laemmernt integram a lista de estrangeiros que cruzaram o Atlântico e ajudaram a escrever um capítulo importante da trajetória da produção

editorial brasileira. Em Paris, Eduard trabalhou na firma de Martin Bossange e veio para o Brasil para dirigir, ao lado do português Souza, uma filial da livraria criada em sociedade entre seu chefe e o livreiro parisiense Aillaud. Eles se estabeleceram na Rua dos Latoeiros (hoje Gonçalves Dias), nº 88, e adotaram o nome Souza Laemmert. Após o fim do contrato em 1833, Eduard resolveu ficar no Brasil e começar seu próprio negócio, a Livraria Universal. Junto com o irmão Heinrich, que veio para o país a seu pedido, inaugurou a oficina tipográfica dos Laemmert em 2 de janeiro de 1838. Responsáveis pelas primeiras publicações da qualidade do Brasil, os irmãos Laemmert editaram almanaques, clássicos da literatura, dicionários, coleções, obras técnicas e acadêmicas.

Com um perfil distinto dos livreiros vindos da Europa, o brasileiro Francisco de Paula Brito é considerado um dos principais impressores-editores do século XIX. De origem humilde, Brito ingressou como aprendiz na Tipografia Nacional aos 15 anos. Depois de trabalhar com o livreiro e impressor René Ogier e, depois, com Plancher no *Jornal do Commercio*, inaugurou a célebre Loja do Canto, na Praça Tiradentes, em 1831. O local era um misto de papelaria, tipografia e livraria, ambiente em que foi criada a Sociedade Petalógica – ponto-de-encontro entre poetas, romancistas, líderes da sociedade e senadores. O negócio expandiu, e como amigo de D. Pedro Brito conseguiu apoio para inaugurar a Empresa Typographica Dous de Dezembro, em 1850. Além de livreiro, era um incentivador da cultura brasileira e dos escritores nacionais, tendo publicado obras de Joaquim Manuel de Macedo, Martins Pena, Casimiro de Abreu, Machado de Assis, entre outros. Também criou diversos jornais e editou a primeira revista feminina do Brasil, *A Mulher do Simplicio, ou A Fluminense Exaltada*, em 1832, impressa por Plancher.

#### SÃO PAULO: A CIDADE DOS LIVROS DIDÁTICOS

No final do século XIX, com o crescimento da escola pública no estado de São Paulo e com o consequente aumento da produção de livros didáticos, a cidade começou a



*Paula Brito foi um dos principais nomes da história do livro no Brasil*

construir sua vocação editorial ligada à publicação de títulos escolares.

Atraída pelas novas condições de trabalho, marcadas pela expansão do setor gráfico da qual a produção de didáticos era beneficiada e pela preferência por autores locais, a Livraria Francisco Alves, editora carioca especializada neste segmento, instalou-se em abril de 1894 com o nome de Agência da Alves & Cia. Fundada pelo português Nicolau Alves em 1854 no Rio de Janeiro, a Livraria Clássica de Alves & Cia. desde o princípio se dedicou ao nível secundário e depois ao ensino elementar, após o comando passar para Francisco Alves de Oliveira, sobrinho de Nicolau. A obra *Coração*, de Edmundo de Amicis, de 1891, que foi amplamente adotada nas escolas brasileiras, foi um dos grandes acertos de Alves.

O mercado escolar também foi o carro-chefe da editora Melhoramentos. O negócio surgiu da sociedade firmada entre o alemão M. L. Bühnaeds, que trabalhava no ramo de papelaria, encadernação e importação de papel, com os irmãos Otto, Alfred e Walther Weiszflog, seus conterrâneos. Depois da saída do sócio, o trio passou a investir também na edição de livros, tendo como marco a produção, em 1915, do clássico da literatura infantil *O patinho feio*, de Hans Christian

Andersen. O segmento de didáticos foi outro nicho que recebeu grande atenção e investimento da editora.

O jornalista, advogado e escritor Monteiro Lobato, que começou sua trajetória como editor em 1918 quando comprou, sem qualquer experiência editorial, a *Revista do Brasil*, foi outra figura a optar pela publicação de livros escolares. A obra *A menina do nariz arrebitado*, clássico da literatura infantil, que saiu em 1920, e que ganhou uma versão escolar no ano seguinte intitulada *Narizinho arrebitado: segundo livro de leitura para uso das escolas primárias*, foi um de seus principais títulos. Após a falência da editora Monteiro Lobato & Cia., em 1925, Lobato cria, ao lado de Octalles Marcelles Ferreira – que já era seu sócio no outro empreendimento –, a Companhia Editora Nacional, que, entre as décadas de 1920 e 1970, marcou a cultura brasileira por conta de seus projetos editoriais e vasto catálogo dividido entre livros escolares e poesias, inicialmente, e, depois, com obras de diferentes tipos como área jurídica, saúde, divulgação científica, entre outras, apresentadas em séries ou coleções. A editora continuou a publicar as obras do antigo catálogo de Monteiro Lobato, mas, com o tempo, passou a focar cada vez mais no mercado escolar.

#### CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA X JOSÉ OLYMPIO

Fundada em 1929, a editora Civilização Brasileira foi uma referência singular na história da produção de livros no Brasil. Seu principal editor e responsável pela sua fama foi Ênio Silveira. Com um catálogo diversificado – além de escritores brasileiros, o repertório da editora era composto por autores estrangeiros inéditos –, o design gráfico que conferia unidade visual, sobretudo às capas, diferenciavam a editora das demais.

Sua principal concorrente era a editora José Olympio, estabelecida no mercado em 1931. Consagrada pela publicação de autores nacionais, a casa editorial publicou importantes títulos como *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, *O Quinze*, de Rachel de

Queiroz, *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, e *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. A Rua do Ouvidor, 110, onde ficava a livraria, foi um dos endereços mais agitados do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1940 por conta das reuniões que aconteciam e contavam com a presença de seus autores.

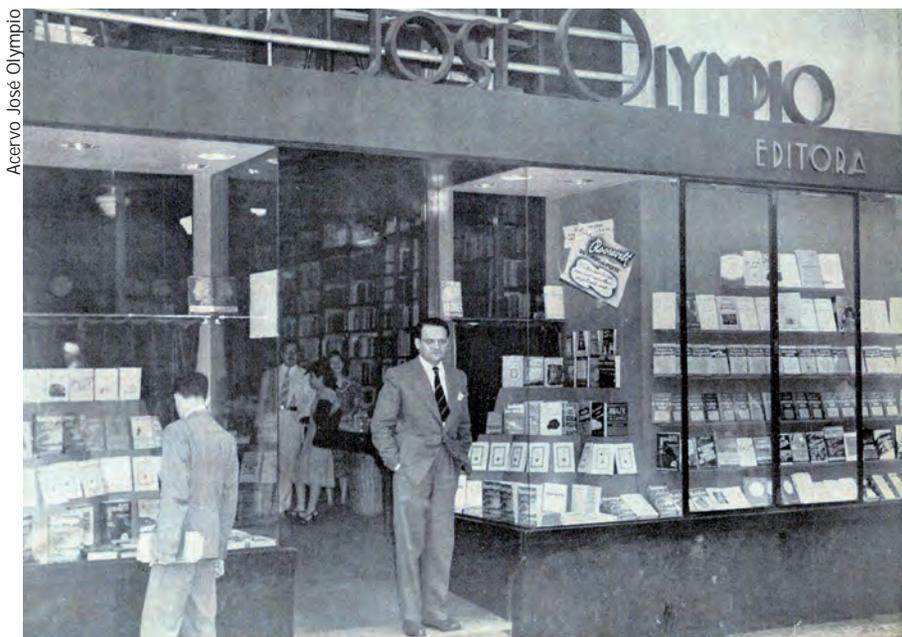
### CENSURA AOS LIVROS NA DITADURA MILITAR

A censura prévia, que já ocorria com o cinema, televisão, teatro, espetáculos públicos, entre outros, chegou ao mercado editorial depois da centralização do Serviço de Censura e Diversões Públicas (SCDP), em Brasília.

O Decreto-Lei que regulamentava a censura aos livros era o de nº 1077/70, cujo artigo 1º dizia que não seriam toleradas as publicações contrárias à moral e aos bons costumes em qualquer meio de comunicação; e o 2º afirmava que cabia ao Ministério da Justiça, através do Departamento de Polícia Federal, verificar a existência de conteúdos

que infringissem o artigo anterior em livros e periódicos.

Com uma ação confusa e diversa, a censura era feita sem critérios claramente definidos e mesclava confisco, apreensão, coerção física e batidas policiais. Um alvo constante foi o editor Ênio Silveira, da editora Civilização Brasileira.



O escritor José Lins do Rego na porta da José Olympio Editora

### O NEGÓCIO DO LIVRO HOJE

A partir da década de 80, novas editoras entraram no mercado editorial brasileiro. Ao mesmo tempo, algumas casas editoriais foram incorporadas a outras como, por exemplo, a Civilização Brasileira e a José Olympio que foram compradas pelo Grupo Editorial Record, atualmente o maior da América Latina, que surgiu em 1942 e se tornou uma editora em 1957.

Entre as que surgiram neste período, a Companhia das Letras ganhou notoriedade. A empresa nasceu em 1986, tendo como editor-proprietário Luiz Schwarcz e, na virada do século XX para o XXI, tornou-se uma referência pela qualidade técnica e pelo valor cultural de seus produtos.

Na história do livro contemporâneo, as editoras se transformaram em grandes empresas de comunicação em âmbito nacional ou internacional. Neste quesito, a Editora Abril, fundada por Victor Civita e inaugurada em julho de 1950, representa bem este modelo de negócios. Inicialmente dedicada às publicações de revistas em quadrinhos e fotonovelas, tendo como destaque na década de 70 a publicação de fascículos, enciclopédias e coleções, a editora na década seguinte se consolidou como um grupo de comunicação e se mantém no posto até hoje. □

## Reabertura da Biblioteca do CCBB: o retorno de um espaço voltado para o saber

Boa notícia para os amantes dos livros e da boa leitura. Depois de dois anos fechada para reformas, a Biblioteca do Centro Cultural Banco do Brasil teve as portas abertas novamente para o público no dia 12 de outubro de 2012. Criada em 1931, a Biblioteca do Banco do Brasil tinha, originalmente, seu acervo formado por livros técnicos, mas após ser incorporada ao Centro Cultural Banco do Brasil, em 1989, ela se transformou em uma importante fonte de pesquisa nas áreas de artes, literatura e ciências sociais. Aproximadamente 150.000 exemplares compõem seu acervo atualmente, entre eles quatro mil são de títulos infanto-juvenis devidamente dispostos em um salão especial, que ganhou novo mobiliário após as obras. A nova sala de audiolivros, que passa a oferecer cerca de 150 títulos de literatura gravados, pode receber até 10 pessoas ao mesmo tempo.

Foto: Divulgação



Sala de leitura após a reforma

### SERVIÇO

Biblioteca do Centro Cultural Banco do Brasil  
Endereço: Rua Primeiro de Março, 66, 5º andar - Telefone: (21) 3808-2030  
Funcionamento: de terça a domingo, incluindo feriados, das 9 às 21h.  
Empréstimos: mediante cadastramento em biblioteca conveniada e apresentação de autorização do bibliotecário responsável.

# O Príncipe Rebelde

*Há 190 anos, em pleno Campo de Santana, era coroado e sagrado Dom Pedro I. Mas antes, foi preciso rebelar-se contra a pátria mãe.*

DANIEL RUELA

No princípio do século XIX era sombria a situação financeira e política de Portugal. Erros políticos, imprevidências e hesitações tinham levado o país à incrível pobreza. Além disso, a aliança formada com a Inglaterra despertou a ira de um notório imperador francês. Era inimaginável pensar em resistir a Napoleão. Fugir e arriscar-se em tempestuosas águas rumo ao mais próximo refúgio foi a opção escolhida. Sendo assim, pela primeira vez um rei abandonava o seu povo no antigo mundo e pisava em solo americano. No Brasil, a família real formaria seu novo lar. João Ribeiro, no livro *“História do Brasil”*, publicado em 1954 pela livraria São José, descreve a agitação da seguinte maneira: “E quando já os tambores franceses acordavam os ecos da terra portuguesa, D. João dizia adeuses ao povo, que no cais de Belém se apinhava saudando entre lágrimas o soberano que partia.”

## O DESEMBARQUE DA FAMÍLIA E DA CORTE PORTUGUESA

Com a chegada da família real o país passou a ser a sede da monarquia luso-brasileira. Neste contexto destaca-se a estruturação e oficialização da nova casa como, por exemplo, a libertação das indústrias nacionais e a criação da Imprensa Nacional. Dava-se origem ao primeiro jornal impresso no país, a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Em contrapartida, Portugal pressionava o retorno de Dom João VI ao seu país e ao seu povo. A imprensa lusitana também se mostraria presente, distribuindo panfletos com propaganda política, primeiro em Portugal e depois no Brasil.

O Rei voltou, mas a permanência do príncipe regente Dom Pedro I no decorrer de 1822 e os atos das Cortes em Portugal estimularam a independência e a decisão de D. Pedro de permanecer no Brasil em 9 de Janeiro de 1822, conhecido como o dia do Fico.

## A PERMANÊNCIA DO PRÍNCIPE

O ‘Dia do Fico’ foi uma decisão tomada, a respeito de uma petição assinada por oito mil patriotas solicitando a permanência do príncipe no país. Ele se pronunciou com base em uma frase célebre: “Como é para o bem do povo e felicidade geral da nação, estou pronto, diga ao povo que fico”.

A resposta do monarca foi uma desobediência formal às cortes portuguesas, uma aliança firmada com os brasileiros e, portanto, o primeiro ato de independência. A ameaça de um iminente bombardeio mobilizou 2 mil homens a saírem de seus quartéis e apoiarem os patriotas e as tropas brasileiras. Reuniram-se no Campo de Santana, mas o conflito com as forças reacionárias lusitanas nunca aconteceu.

Segundo o professor Geraldo Pinto Vieira, do Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II, influentes jornalistas da época, como Gonçalves Ledo do jornal *Revérbero Constitucional Fluminense*, defendiam a libertação do Brasil de Portugal. O pesquisador lembra tam-

Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (NUDOM)



*Dom Pedro posa como o libertador da Nação Brasileira*

bém que no mesmo contexto surge o Correio Braziliense com redações libertadoras do jornalista Hipólito de Costa que seriam importantíssimas no processo de promoção do Brasil de colônia à nação.

Por outro lado a ação de José Bonifácio com seu Manifesto às Nações Amigas definiu o episódio do grito do Ipiranga, formalizando a independência em 7 de setembro de 1822.

### A SAGRAÇÃO E COROAÇÃO DO NOVO IMPERADOR

A aclamação de Dom Pedro em 12 de Outubro de 1822, dia de seu aniversário, oficializa o movimento de Independência e o consagra como Imperador Constitucional do Brasil, iniciando-se o primeiro Reinado.

De iminente campo de guerra o Campo de Santana passou a ser local da aclamação pública de D.

Pedro I. Lá foi coroado e sagrado Imperador do Brasil no dia 1º de dezembro de 1822. O cultuado artista francês Jean-Baptiste Debret foi o responsável pelos desenhos da bandeira do novo império e da nova nação. O verde e o amarelo transformaram-se nas cores nacionais, e o próprio imperador foi o responsável pela música do hino da independência nacional. □

Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (NUDOM)



*O imperador compõe o novo hino cercado de seus compatriotas*

## De Campo de Sant'Anna a Praça da República

**E**m 1753, era chamado de "Campo de Sant'Anna", por conta da igreja nele construída, local de reza e devoção que foi demolido em 1854 para dar lugar à Estação Ferroviária Dom Pedro II. Anos depois, no lugar da antiga estação, foi inaugurada a Estação Central do Brasil. Nos arredores do campo que um dia já foi um pântano, se oficializou também a Proclamação da República em 1881. A partir de então o local é oficialmente nomeado: Praça da República.

Com o passar dos anos, outros edifícios foram sendo erguidos em

seu entorno, como a sede do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro, a sede da Prefeitura, a Casa da Moeda do Brasil - atual Arquivo Nacional - e a Faculdade de Direito da UFRJ.

Recentemente, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) anunciou o tombamento do parque que já era reconhecido, e por isso protegido, como patrimônio estadual. Um reconhecimento pelas belezas paisagísticas equilibradas por 155.200 metros quadrados de área verde.

O parque também é conhecido por abrigar diversas espécies de animais. A Fundação Parques e Jardins, que tem

sede dentro do Campo de Santana, é a responsável pelo fornecimento de alimento para as aves e as famosas cutias. Além disso, voluntários, ONGs e outras instituições também fazem um honroso trabalho de proteção e de defesa das espécies do local.

O Campo de Santana, ou Praça da República, serve a muitos como um respiradouro natural encravado no fervilhante coração do centro da cidade do Rio de Janeiro. Lá, ruas, vielas, parques e praças conservam lembranças de nossa história e de momentos históricos que possibilitaram o progresso e a construção da nação brasileira.

# Quinze anos de Música no Museu

*Concertos gratuitos difundem o repertório clássico em mais de 40 espaços públicos*

ISABEL MUNIZ

Em dezembro, a série de concertos gratuitos Música no Museu completou 15 anos e já tem novidades para o início de 2013, como a realização do 1º Festival Internacional de Jazz. O projeto leva apresentações de música clássica diariamente a mais de 40 museus, palácios, igrejas e centros culturais cariocas, além de estar presente em outros estados brasileiros e até no exterior, como em Portugal, República Tcheca e Estados Unidos.

O advogado e administrador de empresas, Sérgio da Costa e Silva, foi quem trouxe em 1997 o Música no Museu para o Brasil. Com este mesmo título, a série era realizada em importantes museus do exterior, no Metropolitan, The Museum of Modern Art (MoMA), Guggenheim (Nova York), Louvre, Picasso, Montmartre (Paris), Gulbenkian (Lisboa), Prado (Madrid), entre outros. A diferença é que na versão brasileira os concertos são gratuitos e há apoio de embaixadas e consulados brasileiros na divulgação.

Em uma de suas viagens para fora do país, Sérgio da Costa e Silva resolveu “importar” a ideia. “Eu viajava muito e ia aos museus do exterior, sempre me dediquei à parte cultural dos países em que visitava. Os museus mais importantes tinham programas de música, aí eu tive a ideia de fazer no Brasil também, com o mesmo nome: Música no Museu. Tudo começou em 1997 quando apresentei a proposta a Heloísa Lustosa, diretora do Museu Nacional de Belas Artes na época, e ela aceitou. Inicialmente era num museu só e uma vez por semana, mas com o tempo houve um crescimento geométrico, a partir de 2010 os concertos já eram diários”, conta o advogado que não possui nenhuma formação musical.

Um dos principais objetivos do projeto é proporcionar uma melhor difusão da música clássica no país,



Fotos: Daniel Ruela

*Sérgio da Costa e Silva apresenta os instrumentistas à plateia em todos os concertos do Música no Museu*

tendo como foco os jovens, e ainda, incentivar a ida aos museus. Frequentemente, escolas públicas levam alunos para assistir a apresentações do Música no Museu, e logo após o concerto os jovens são levados para uma visita guiada no local e apreciam as exposições.

A professora de ensino fundamental do Centro Institucional Pedagógico Filipenses em Realengo, Cláudia Xavier, trouxe alunos seus para visitar o Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, onde assistiram à apresentação do Trio D'Ambrosio. “Moro no Rio há 40 anos, e é a primeira vez que venho aqui e meus alunos também. Nós queríamos hoje fazer um passeio de despedida do 5º ano, queria proporcionar a eles algo que fosse enriquecedor. A gente pensa que o Rio é só praia, por isso os trouxe para um passeio cultural”, relata a professora que neste mesmo dia já havia levado seus alunos a outros centros culturais cariocas.

Os concertos são feitos de forma didática, no início os músicos contextualizam as obras apresentadas,

falam sobre a época em que composição foi concebida e dão informações sobre os autores. Os alunos que comparecem aos concertos têm uma média de idade entre 11 e 20 anos, e não são só eles que aprendem. “O Música no Museu está me proporcionando um aprendizado. Eu também sou um espectador”, acrescenta o responsável pela implementação do projeto no país.

## O DESEJO DE RENOVAR A MÚSICA CLÁSSICA

Ao dar a chance de jovens músicos se apresentarem em locais de prestígio para uma plateia interessada, conhecedora e que possui artistas de renome como espectadores, o Música no Museu consegue renovar o cenário da música clássica. O projeto tem uma Orquestra Jovem, a qual coloca em contato os novatos com profissionais estrangeiros, o que segundo Sérgio da Costa e Silva promove um encontro em que os brasileiros só têm a ganhar. “Nós temos um intercâmbio com consulados, embaixadas e institutos culturais de outros países, que com frequência nos oferecem a participação de músicos estrangeiros. Quando isso ocorre realizamos oficinas para os músicos da nossa Orquestra Jovem, possibilitando um intercâmbio de experiências.”

Em março de 2013 será realizado o VI Concurso de Jovens Músicos – Música no Museu, cujo vencedor estudará por dois anos nos EUA e ganhará uma bolsa de U\$ 105 mil da James Madison University, localizada na Virginia. Jovens de todo o Brasil podem se inscrever: o concurso tem cerca de 100 candidatos por ano.

Aos 25 anos de idade, Henrique Medeiros foi o vencedor do concurso em 2012 e viaja em agosto deste ano. “Foi muito emocionante para mim, já morei nos EUA anos atrás e sempre sonhei estudar música lá, mas não tive oportunidade”, diz o percussionista que já estudou no



*O Trio D'Ambrosio encanta o público em concerto natalino no Museu Nacional de Belas Artes, mesmo lugar onde o projeto se tornou realidade há 15 anos*

Conservatório Brasileiro de Música e tocou por quatro anos na Orquestra Sinfônica Brasileira Jovem. Henrique é assíduo participante dos concertos do Música no Museu, tocou em 2007, 2008 e 2009. E se prepara para se apresentar no projeto no dia 28 de fevereiro na Austrália, a convite do pianista João Carlos Assis Brasil.

#### UM UNIVERSO NÃO RESTRITO À MÚSICA

Um diferencial do Música no Museu é que ele não é um projeto voltado somente aos fatos que ocorrem no âmbito musical, mas à cultura em geral. De acordo com Sérgio da Costa e Silva este é um dos ingredientes desta receita de sucesso. "O Música no Museu é muito atual, se adequa a esses movimentos na cidade e no país. Isso, aliás, é uma das razões para o seu sucesso, que se mantém no panorama cultural brasileiro nestes 15 anos e sempre com destaque. A diferença é que nós procuramos sempre adequar o projeto à realidade."

Em julho o programa irá contemplar somente músicos jovens, de até 25 anos, em função da Jornada Mundial da Juventude. O evento

religioso será sediado no Rio de Janeiro, e neste contexto todas as apresentações do Música no Museu ficarão a cargo de profissionais em início de carreira.

#### OS PLANOS E NOVIDADES PARA 2013

O projeto mudou o calendário da música clássica no país, com concertos durante todo o ano. E inova novamente ao organizar em janeiro o I Festival de Jazz. Já no mês seguinte, é a vez do Clássicos do Carnaval, em que músicos de formação clássica tocam versões dos sucessos da festa Momesca. Em março, os concertos serão femininos, somente com musicistas e compositoras mulheres. Maio terá como carro-chefe a harpa com o VIII RioHarpFestival, evento internacional que colocou o Rio de Janeiro no circuito mundial do instrumento.

Com a preocupação também com o mercado de trabalho para o músico no país, há também uma atividade paralela ao projeto: o Empreendedorismo na Área Musical em dezembro, já na 7ª edição.

Música no Museu se divide em cinco temporadas anuais: Concertos

de Verão (janeiro/março), de Outono (abril/junho), de Inverno (julho/setembro), de Primavera (setembro/novembro), Grandes Concertos de Natal (dezembro). Mensalmente são privilegiados naipes como cordas, sopro, piano, voz e harpas. Agosto é o mês das cordas e setembro o do piano. Além disso, os concertos respeitam temas como música antiga e datas redondas de grandes compositores.

Outro plano é expandir a versão internacional do projeto, com apresentações de artistas brasileiros com um repertório nacional em cidades da Austrália, Vietnã, Argentina, Espanha, Portugal e EUA.

No Brasil o projeto só não está presente na região Centro-Oeste, com exceção de Brasília. Ao longo destes 15 anos de existência, o Música no Museu já registrou um público de 400 mil pessoas.

#### Serviço

Para saber mais sobre o projeto e o calendário de apresentações acesse:

[www.musicanomuseu.com.br](http://www.musicanomuseu.com.br)



Músicos se apresentam em mostra do AJB e prestam tributo ao Musifest, evento de música instrumental



Fotos: Mathheus Accorsi

Aos 80 anos, o escritor Fernando Borel posa com as integrantes do movimento Ana Clarissa Fernandes e Luana Muller

# A militância cultural do Arte Jovem

ISABEL MUNIZ

Movimento cultural nascido em Niterói, o Arte Jovem Brasileira (AJB) está com a convocatória aberta para 9ª edição da Mostra de Arte Livre e Sincera, a ser realizada este ano. No ano passado o AJB completou 10 anos, nos quais deu chance a inúmeros artistas, vindos de diversos lugares do Brasil, de exhibir seus trabalhos e promoveu debates acerca da política cultural niteroiense.

Segundo um dos fundadores do AJB, Carlos Alberto Gomes, o movimento começou sem pretensões. “Tudo começou como um grupo que organizava shows a fim de dar espaço a quem não tem. Nós não pensamos em criar um movimento, as coisas aconteceram. Um movimento cultural não é fundado ou criado, ele nasce. Depois de um tempo pensamos em quanta gente aparecia para não só curtir o evento mas discutir cultura”, relembra o psicólogo e produtor de vídeos.

Os eventos realizados pelo grupo são gratuitos, como peças de teatro, cineclubes, palestras e ciclos de debate, onde se discutem políticas culturais. O maior destaque é a Mostra de Arte Livre e Sincera, que

acontece mensalmente e reúne artistas musicais, fotógrafos, escritores, poetas, pintores, entre outros artistas. São duas apresentações musicais por edição, já exposições, cineclubes, lançamentos de livros variam em quantidade. As atividades acontecem sempre em uma segunda-feira, no Convés, estabelecimento no centro de Niterói.

Para participar basta se inscrever no site do AJB e se enquadrar em uma das modalidades (artes visuais, performance, literatura, audiovisual, oficinas de livre expressão e música). Todos os inscritos automaticamente irão se apresentar. A última mostra foi em dezembro de 2012, e a próxima ainda não tem data definida para acontecer. Provavelmente em abril ou maio.

Desde o início, o Convés cedeu gratuitamente o espaço para abrigar a mostra. Para Adenor Guimarães, dono do estabelecimento, manifestações deste tipo podem contagiar as pessoas. “A intenção do Convés é apoiar a cultura. Dentro do AJB comecei a pintar, estou aprendendo a tocar um instrumento, isso me inspira”, diz ele.

Existe também o selo independente Arte Jovem Brasileira, que produz música e lança livros. Na mostra de dezembro, o autor Fer-

nando Borel lançou duas publicações: *Doce Fragilidade* e *O Menino de Tejipó*. O primeiro livro contém poesias, já o segundo é uma coletânea de textos com histórias e memórias do escritor pernambucano de sua terra natal. Fernando Borel faz parte do grupo há seis anos. “Em tudo que diz respeito à literatura no AJB estou ciente. Aqui cuido do Reboco Literário, em que os visitantes vêm e escrevem pensamentos, declarações”, relata o autor de 80 anos de idade.

Cerca de 50 pessoas trabalham para fazer acontecer os eventos do AJB. O movimento também tem alguns parceiros, que por vezes contribuem. “Toda a quantia é autogerida, todos os integrantes do movimento, mesmo os mais novos, que participem da reunião em que são decididos o uso de recurso, alguma agenda, têm acesso a todas as instâncias de decisão. Não temos um coordenador ou presidente. O grupo inteiro decide.”, destaca Carlos Alberto, que acredita que esta é uma importante característica do movimento e que o diferencia dos demais.

## Serviço

Para conhecer todas as atividades do grupo e ficar por dentro da programação do AJB acesse o site: [www.artejovem.org](http://www.artejovem.org).

# A História na palma da mão

*Artista baiano retrata grandes personalidades em obras minimalistas*

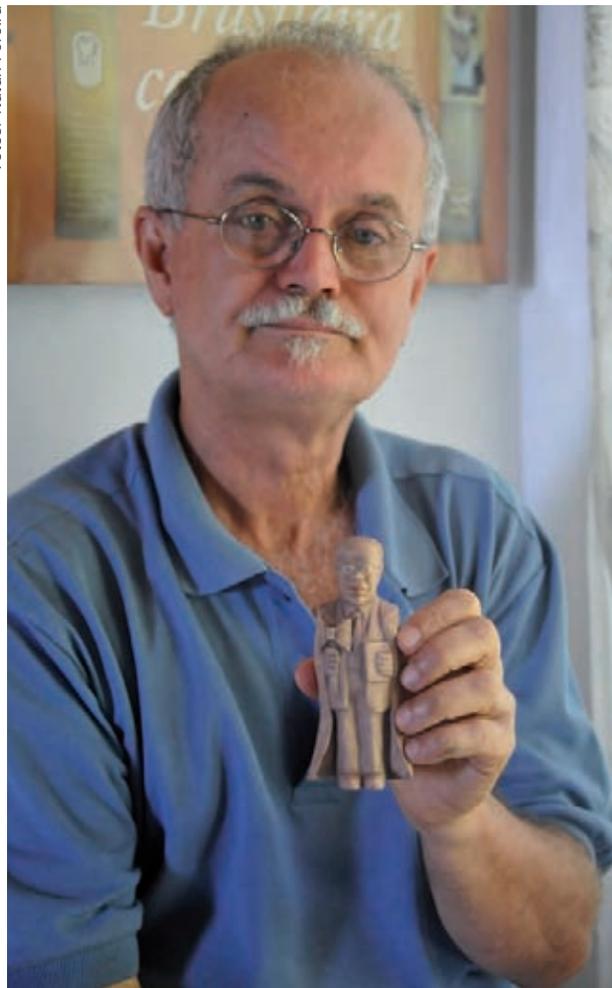
NATAN PEREIRA

É entre miniaturas de políticos, personalidades do mundo da música e literatura, que o artista baiano José Andrade Santos, o popular ceramista Zé Andrade, trabalha em seu ateliê no bairro de Santa Teresa, no Centro do Rio de Janeiro. Feitos com argila e água, os bonecos dispostos pelas prateleiras têm tamanho em torno de 12 centímetros. As esculturas de Zé Andrade têm por objetivo eternizar em barro figuras que contribuíram ou contribuem para a história do Brasil e do mundo.

A galeria é vasta. Artistas como o cartunista Ziraldo, o escritor Machado de Assis, o compositor Pixinguinha, e até mesmo o atual presidente do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa, são alguns dos personagens retratados pelo artista. “Tento fazer sempre um trabalho que tem a ver com a história. Opto por pessoas que contribuem para a história. O meu trabalho é de humor, ligado ao Pasquim, jornal que lia quando criança”, explica Zé Andrade como é feita a escolha dos seus bonecos.

O artista conta com um grande acervo produzido ao longo de quarenta anos. O trabalho é feito de forma artesanal. Zé Andrade cuida sozinho de todas as etapas do processo, desde a concepção até os detalhes finais, passando pela venda das peças, feita através de seu site. O artista começou quando criança, quando ainda vivia no interior da Bahia produzindo brinquedos para os irmãos e amigos. Ele compara a sua profissão com a de cientistas: “O artista é alguém que dá sequência ao trabalho de Deus. São pessoas que querem embelezar a vida”. □

Fotos: Natan Pereira



Zé Andrade teve a sua primeira exposição em 1987

## Homenagem a Augusto dos Anjos

No momento, Zé Andrade está mergulhado na história do poeta paraibano Augusto dos Anjos. Com poesias que continham citações médicas, é considerado um poeta raro. Com a conclusão do curso de direito na Universidade de Recife, Augusto dos Anjos nunca foi aceito como poeta pelos intelectuais nordestinos. Ele se mudou para o Rio de Janeiro, mas não teve sucesso, uma vez que foi contemporâneo de Olavo Bilac, conhecido como o príncipe da poesia. Depois, mudou-se para Leopoldina, Minas Gerais, e faleceu em pouco tempo.

Para homenagear o artista que completaria 130 anos de nascimento e 100 de morte em 2014, Zé Andrade contou com a luxuosa colaboração de poetas



como João Batista Melo e Manoel Santamaria, do jornalista Helio Fernandes Filho e do professor Moacy Bastos, para produzir um cordel (gênero muito comum no

Nordeste) que será impresso na *Nova Imprensa Oficial*. O tributo se completará com uma exposição com bonecos de cerâmica do poeta.



Augusto dos Anjos



Charles Chaplin



Salvador Dali



Fernando Pessoa



Monteiro Lobato



Máscara e boneco foram feitos em homenagem ao jornalista Nelson Rodrigues



Dom Quixote



Ferreira Gullar



Machado de Assis



Alfred Hitchcock



Moacyr Luz



Nelson Cavaquinho



Guimarães Rosa

# DE FRADE A ARTESÃO

Natural de Ubaíra, interior da Bahia, Zé Andrade nasceu em uma família humilde em 22 de janeiro de 1952. Filho mais velho de Oscar José Santos e Áurea Maria Andrade Santos, ele tem onze irmãos. Sempre habilidoso, sofria diversas críticas por viver em uma época em que o dom para as artes era positivo apenas para o sexo feminino. Os homens deveriam trabalhar na roça e Zé Andrade sempre teve habilidade para criar e produzir brinquedos.

A rotina na pequena Ubaíra incluía idas à missa uma vez por mês, acompanhado da tia. Menino, ele se encantava com um mural que existia no teto da igreja baiana e com a luz que entrava através dos vitrais. Sempre tentou imitar as formas arquitetônicas do local. Como tinha muito medo do escuro, sua tia contou, no intuito de ajudá-lo, uma história de Monteiro Lobato e Zé Andrade ficou fascinado pelo autor.

Aos dez anos, mudou-se para Minas Gerais com a família. Porém, sem alcançar o sucesso sonhado pelo seu pai de enriquecerem através da extração do ouro, os Andrade decidem voltar para a Bahia.

Com sua família acreditando que o jovem tinha vocação religiosa, ele foi obrigado a frequentar o seminário. A contragosto, tornou-se frade capuchinho e percebeu que se mergulhasse nos livros seria menos punido. Ainda no colégio, se tornou o maior produtor de terços da região, mas não ficou muito tempo por lá, nem na vida religiosa.

Zé Andrade entendeu que para se especializar como escultor não poderia continuar em sua cidade natal. Acreditava que alcançaria seu objetivo se chegasse ao Rio de Janeiro ou a algum outro país. Em 1972, com apenas 20 anos e sem apoio financeiro algum, mudou-se para a capital carioca e enfrentou dias difíceis. Por algum tempo, teve por endereço as areias da Praia de Copacabana. Com apenas um alicate, começou trabalhando com bijuterias.

Três anos mais tarde, bateu na porta da redação do jornal *O Pasquim* em busca de emprego. Virou colaborador. Em 1978, fez a sua primeira exposição no Sesc – Tijuca. O sucesso foi tanto que animou o cineasta Vitor Lustosa a produzir o curta-metragem *Barro Humano*.

Atualmente, aos 61 anos, Zé Andrade tem uma produção mais restrita. Parte do seu acervo pôde ser vista recentemente no Centro Cultural Banco do Brasil. Ao todo, foram apresentadas 36 miniesculturinhas de escritores brasileiros na exposição *Na Palma da minha mão*.

## SERVIÇO

Zé Andrade  
[www.zeandrade.com](http://www.zeandrade.com)  
Telefones: (21) 2242-1415  
(21) 8166-9698 - (21) 9332-3909



Detalhe do ateliê do artista: ele cuida do processo de produção



As peças, quem têm em torno de 12 cm, podem ser compradas pelo site



Personalidades que contribuíram para a cultura brasileira, como Nelson Cavaquinho e Cartola, estão na galeria de personagens



*O ateliê abriga obras como os quadros pintados pelo próprio Burle Marx. O jardim em frente à casa de Burle Marx possui espécies de plantas coletadas pelo paisagista ao longo de suas expedições e é considerado uma das mais belas vistas do sítio. O lago e a pequena cascata formam um agradável cenário para os visitantes*

## Preservação, difusão e pesquisa no sítio Burle Marx

MARIANA GHETTI

“O jardim é a natureza ordenada pelo homem e para o homem.” Nas palavras de Roberto Burle Marx, um dos mais importantes paisagistas brasileiros do século XX, os jardins, importante forma de contemplação da natureza, ganham um novo significado. Mesmo após sua morte, em 1994, Burle Marx figura, ainda hoje, como um dos maiores defensores da flora brasileira.

O paisagista foi um verdadeiro artista de “monumentos vivos” e através de suas obras contribuiu para o enriquecimento cultural do país.

### O SÍTIO

O Sítio Roberto Burle Marx, em Barra de Guaratiba, no Rio de Janeiro, é uma das mais extraordinárias realizações do paisagista. Com extensão de 360 mil metros quadrados, foi nomeado Patrimônio Cultural Brasileiro, em 1985, e conta

com um acervo de mais de três mil e quinhentas espécies. Plantas ornamentais e exóticas, a maioria nativa proveniente de coletas e expedições feitas pelo próprio Burle Marx, fazem parte da coleção botânica do Sítio. O paisagista costumava fazer frequentes buscas por espécies nos mais variados ecossistemas, sempre à procura de plantas de interesse ornamental.

Em 1949, ano em que Burle Marx comprou o Sítio, na época

chamado “Sítio Santo Antônio da Bica”, havia, em sua maioria, cultivos de frutas no local. Foi então que o paisagista começou a trazer novas espécies e iniciou uma das mais famosas coleções de plantas nativas e estrangeiras do mundo. Antes de pertencer a Burle Marx, o Sítio era conhecido pela comunidade local graças a Capela de Santo Antônio, onde até hoje são realizadas procissões e missas. Além da Capela, também era visitado pelos

moradores da região por conta da abundante nascente de água, utilizada atualmente pela administração para irrigar as espécies.

Burle Marx viveu durante 21 anos no Sítio, mudou-se em 1973 e permaneceu lá até sua morte, em 1994. Em 1985, o paisagista doou a propriedade à então Fundação Nacional Pró Memória, hoje IPHAN (Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Com a doação, ele pretendia transformar o lugar

em um centro de estudos de paisagismo, botânica e conservação da natureza. A partir de 1985, o Sítio passou a se chamar Sítio Roberto Burle Marx, e de acordo com a vontade de seu doador transformou-se em um centro de pesquisa, preservação e difusão de conhecimentos botânicos.

Depois da morte de Burle Marx, os objetos da casa em que o paisagista viveu passaram por um orçamento técnico para o inventário,

concluído em 1999. A partir dessa data a casa foi aberta ao público para visitação. O extenso acervo botânico deixado por Burle Marx começou a ser registrado e mapeado em 1985, trabalho que continua sendo feito até agora. “O inventário botânico do Sítio ainda está em andamento. Estamos realizando uma conferência desse acervo, que é dinâmico. Ainda há espécies que precisam ser identificadas”, explica Marlon Costa, Chefe da Divisão Técnica do Sítio.

O paisagista e funcionário da instituição há 13 anos defende a importância do local para a flora brasileira. “O Sítio possui espécies, a maioria em risco de extinção, que não se encontram mais na natureza. Aqui é possível produzir conhecimento para a botânica e para o paisagismo desde a identificação até o comportamento das espécies. A coleção pode contribuir ainda com estudos mais avançados em genética das plantas, já que elas se encontram em um único lugar”, explica Marlon.

A beleza do Sítio Roberto Burle Marx não se resume somente a sua variedade e abundância de espécies. As construções como o prédio da administração, a casa onde Burle Marx viveu e seu ateliê constituem um belo cenário para os visitantes. “O Sítio procura abrir cada vez mais as portas para a comunidade. Pretendemos aumentar o número de visitas e franquear o local para o público que deseja visitar sem prévio agendamento”, assegura Marlon Costa.

O Sítio recebe, em média, 700 pessoas por mês, a maioria turistas, estudantes e pesquisadores. As visitas guiadas acontecem de terça a sábado, às 9h30 e às 13h30, para grupos de até 35 pessoas. É necessário agendar previamente e pagar uma taxa de R\$10,00 por pessoa. Durante o passeio, guias treinados percorrem o local e contam sua história. O itinerário começa no prédio da administração, construído após a doação de Burle Marx. O local abriga diplomas, medalhas e prêmios do renomado paisagista. O prédio conta ainda com um auditório, um laboratório e um pequeno herbário,



A fachada do ateliê foi construída com pedras de cantaria de uma antiga construção no Centro do Rio



Do interior da Capela é possível admirar as espécies do sítio



A Capela de Santo Antônio é usada em dias de procissão do santo casamenteiro

além da biblioteca com mais de três mil títulos na área de botânica.

Próximo ao prédio da administração há dois sombrais - estufas cobertas com telas de sombrite - que filtram a luz do Sol e servem para enviveirar as plantas que necessitam de sombra. O maior sombral possui cerca de sete mil metros quadrados e foi batizado de Graziela Barroso, em homenagem à famosa botânica brasileira e grande amiga de Burle Marx. Localizada ao lado da casa onde o paisagista viveu, a Capela de Santo Antônio é usada ainda hoje pela comunidade local em dias de procissão. Os devotos percorrem o caminho que começa na entrada do Sítio e termina mais acima, na capela.

A casa de Burle Marx é um dos mais belos atrativos do Sítio. O paisagista foi um grande admirador de arte, e além de colecionador também foi escultor e pintor. Seu acervo abriga muitas esculturas em cerâmica, a maioria do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Carrancas do Rio São Francisco, pinturas e esculturas confeccionadas pelo próprio Burle Marx e por outros artistas, arte pré-colombiana e móveis de decoração em madeira também enriquecem o ambiente.

Os visitantes podem conhecer os cômodos que foram mantidos do mesmo jeito de quando o paisagista era vivo. No quarto de Burle Marx ainda é possível encontrar roupas

e itens pessoais. O lago e o jardim em frente à casa também são outras grandes atrações. A beleza e a mistura de cores das plantas se complementam com o lago e o muro construído com pedras de demolição.

Marlon Costa conta uma história da época em que o paisagista habitava a casa. “Burle Marx gostava de fazer grandes recepções e cozinhar para muitos. Cesar, o mordomo dele, uma vez perguntou por que tantas festas e reuniões para a sociedade, e Burle Marx mostrou a ele muitos dólares. Durante as festas ele vendia seus quadros, joias e objetos confeccionados, e esse dinheiro ajudava a manter o Sítio, o trabalho de pesquisa e a coleção de espécies.”

Próximo à casa, encontra-se a cozinha de pedra, área externa onde Burle Marx costumava receber suas visitas. Em uma das paredes, sobre os azulejos, há uma grande pintura feita pelo paisagista. Além do espaço coberto há também uma cascata, que proporciona sensação de refrescância aos visitantes, e junto com o jardim completa o ambiente.

O prédio mais distante é o ateliê, local onde Burle Marx pretendia se dedicar à produção de suas obras. A fachada é oriunda de uma antiga construção no Centro do Rio e foi a primeira área estruturada do local. Burle Marx faleceu antes que pudesse utilizar seu ateliê, mas eventos como apresentações de ballet



O caminho que leva à casa de Burle Marx é rodeado pelas mais belas espécies nativas e estrangeiras

e concertos já foram realizados ali. “Estamos restaurando o ateliê para melhorar o espaço, trazer as obras mais importantes de Burle Marx e também abri-lo para o público”, conta Marlon Costa.

Ao percorrer o Sítio, as mais variadas espécies, comuns e exóticas,

chamam a atenção de quem passa. Dila Bahiense, professora da oficina “Cidadania Sócio Ambiental” da Universidade Aberta da Terceira Idade da UERJ, aprova o passeio. “O Sítio Roberto Burle Marx proporciona um maior contato com o meio ambiente cultural e físico. Trouxe uma turma de 21 alunos da terceira idade para que eles possam ter um momento de integração com a natureza ao mesmo tempo em que percebem a beleza do local e do trabalho de Burle Marx”, conta, animada.

Dila analisa ainda as espécies do Sítio e elogia a organização e estrutura do local. “Olhando os jardins, a gente percebe a forte característica do paisagismo do Burle Marx. É muito bonito ver como ele trabalhava com as cores e formas das plantas. Todos os alunos amaram, estão todos maravilhados. É tudo muito bem organizado e a infraestrutura para fazer a visita,



*Heliconia hirsuta* 'Roberto Burle Marx': a planta símbolo do Sítio leva o nome do paisagista



A espécie “*Pitcairnia sp.*” pertence à família das bromélias



*Agave wercklei*: a beleza da flora é uma das grandes atrações do sítio

inclusive para a terceira idade, é ótima.”

Os elogios e a admiração não ficam somente por conta dos visitantes. Para Marlon Costa, o Sítio representa parte da vida e obra de Burle Marx. “O Sítio Roberto Burle Marx deixa um legado de anos de estudo e dedicação às mais variadas espécies. São testemunhos significativos do comportamento e evolução das plantas aqui criadas. Nosso principal objetivo é dar continuidade aos estudos de Burle Marx, além de assegurar e difundir sua coleção de grande importância não só para o Brasil, mas para o mundo”, finaliza. □



A sala de cerâmica abriga peças do Vale do Jequitinhonha

## Roberto Burle Marx

Desde a infância não foi difícil perceber o talento do pequeno Roberto Burle Marx. Filho de uma pernambucana e um alemão, o futuro paisagista sempre demonstrou interesse pelas mais diversas formas de arte. Desde os seis anos colecionava espécies de plantas e já mostrava entusiasmo pela botânica. De 1928 a 1929 Burle Marx estudou pintura na Alemanha, e nesse período frequentou o Jardim Botânico de Dahlem, em Berlim. Foi lá, longe de sua terra natal, que se encantou pela flora brasileira.

Quando voltou ao Brasil, ingressou no curso de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Seu primeiro projeto paisagístico, elaborado em 1932, foi um jardim residencial para um imóvel cuja arquitetura era assinada pelos renomados Lucio Costa e Gregori Warchavchik. Por três anos, de 1934 a 1937, foi o Diretor de Parques e Jardins de Recife, onde projetou diversos jardins, entre eles o da Praça de Casa Forte.

A inconfundível mistura de cores e formas tão características de seu trabalho pode ser encontrada em importantes



Burle Marx no Sítio que leva seu nome: local de pesquisa e preservação de conhecimentos botânicos

jardins dentro e fora do Brasil. No exterior, os projetos de jardins privados em Caracas, Venezuela, e em Santa Barbara, nos Estados Unidos, são amplamente conhecidos. Os jardins da UNESCO, em Paris, e em Longwood Gardens, na Filadélfia, também figuram entre os mais importantes de sua

carreira. No Brasil, destacam-se os projetos para os jardins públicos do Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro, e do Parque do Ibirapuera, em São Paulo.

Inspirado pela flora brasileira e sua variedade de espécies, Burle Marx foi um grande defensor das plantas nativas, uma de suas mais marcantes características. A preservação ambiental foi outra grande preocupação de Burle Marx, que através de sua obra pôde não só disseminar a flora brasileira, como preservá-la e torná-la símbolo de riqueza cultural e orgulho nacional.

### SERVIÇO

Sítio Roberto Burle Marx – Estrada Roberto Burle Marx, 2019. Barra de Guaratiba, Rio de Janeiro. Contato: (21)2410-1412. Blog: sitioburlemarx.blogspot.com. Para visitar o Sítio é necessário agendar uma visita pelo telefone de contato e pagar uma taxa de R\$10,00 por pessoa.

# Cursos online gratuitos: uma maneira fácil de adquirir conhecimento

*Instituições e empresas oferecem ambientes virtuais de aprendizagem para usuários interessados em estudar pela internet*

THAÍS BRITO

Os cursos online grátis são uma excelente oportunidade para quem tem vontade de aprender, mas não tem tempo para fazer um curso presencial ou dinheiro para pagar. Com uma conexão de internet e um pouco de dedicação e disciplina, o aluno tem a chance de estudar e investir na formação por conta própria sem custos e quando quiser com os conteúdos disponibilizados por diversas instituições e empresas renomadas na rede.

Para a professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Tecnologias da Informação e da Comunicação (LATEC/UFRJ), Cristina Jasbinschek Haguenauer, existem semelhanças entre os cursos online gratuitos e os materiais que são vendidos em bancas de jornal há décadas. “O que muda, na verdade, é o suporte: antes, o livro, os fascículos e, hoje, a internet. A linguagem atualmente também é diferente, com mais movimento e interatividade. Mas ainda é um autoestudo que depende do interesse e da habilidade do aluno para estudar sozinho”, destaca.

Ficou interessado em experimentar esta modalidade de ensino à distância via internet? A revista *O Prelo* fez uma lista com algumas opções:



## UNICAMP

<http://www.ocw.unicamp.br/>

A Universidade Estadual de Campinas possui um portal, o OpenCourseWare Unicamp, que hospeda conteúdos de diferentes disciplinas de cursos de graduação. História Social da Cultura, Química I e Física do Estado Sólido são exemplos de materiais incluídos recentemente. Além disso, o Centro de Computação ([www.ggte.unicamp.br/minicurso/](http://www.ggte.unicamp.br/minicurso/)) também oferece minicursos virtuais como CCS – Cascading Style Sheets, Busca na Web e Conceitos Básicos sobre Videoconferência.

## SEBRAE

<http://www.ead.sebrae.com.br/hotsite/cursos/>

O portal de educação do Serviço Brasileiro de Apoio a Pequenas Empresas tem uma vasta gama de cursos para o internauta escolher. Para quem está dando os primeiros passos, o indicado para começar é o AE: Aprender a Empreender, de acordo com a recomendação do site. Depois de concluída a primeira etapa, o aluno pode escolher entre MEG: Primeiros passos para a Excelência, IPN: Internet para Pequenos Negócios, Sei controlar o meu dinheiro, entre outros.

## FGV ONLINE

<http://www5.fgv.br/fgvonline/Cursos/Gratuitos/>

A Fundação Getúlio Vargas oferece cursos abertos em várias áreas do conhecimento para ajudar na formação profissional. Com carga horária entre 5 e 40 horas, o aluno pode optar por estudar assuntos da área de finanças, sustentabilidade, direito, educação e comunicação, história e ética, gestão de pessoas, etc.

## BMF&BOVESPA

<http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/educacional/cursos>

A Bolsa de Valores de São Paulo tem cinco cursos online grátis. São eles: Finanças pessoais, Mercado de ações, Conceitos básicos do mercado de ações, Guia de Mercado de ações e Tesouro direto: investindo em títulos públicos.

## RECEITA FEDERAL

<http://www.receita.fazenda.gov.br/atendvirtual/CentroAtendVirtual/ead.htm>

O órgão disponibiliza cursos, tutorias e dicas para esclarecer dúvidas sobre o funcionamento do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), Pedido eletrônico de Restituição, Ressarcimento ou Reembolso e Declaração de compensação de receitas administradas pela Receita, Simples Nacional e mais.

# Cinema para o povo

*Aulas gratuitas ensinam jovens da Baixada Fluminense a dominar as técnicas e a linguagem cinematográfica*

RAFAEL RIBEIRO

Uma idéia na cabeça e uma câmera na mão, mais do que lema do Cinema Novo, é uma realidade para os alunos da Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu (ELC). O projeto foi criado há quase sete anos com o objetivo de incentivar os jovens da Baixada Fluminense a dominarem as técnicas e a linguagem cinematográfica. Atualmente, a ELC oferece cursos gratuitos voltados para diferentes áreas do cinema e do audiovisual. Entre várias atividades, os alunos saem às ruas com uma câmera na mão para colher imagens e voltam à sala de aula, onde transformam os seus conteúdos em vídeos, filmes ou simplesmente fotografias. Desde a sua criação, a escola já atendeu mais de três mil estudantes. Hoje conta, em média, com cerca de 150 pessoas que buscam conhecimento sobre a arte cinematográfica.

A ELC foi desenvolvida pela organização não governamental Avenida Brasil Instituto de Criatividade Social, situada também em Nova Iguaçu. O objetivo da ONG, criada pelos artistas Marcos Vinicius Faustini, Anderson Barnabé, Alexandre Damasceno e Cristiane Brás, é estabelecer e manter as demandas sociais e culturais, atuando principalmente na capacitação de jovens e crianças para se destacarem na área do audiovisual.

Embora o carro-chefe seja o curso de videoarte, para jovens de 12 a 16 anos, podendo o aluno ficar estudando durante os quatro anos ou até completar 16 de idade, a instituição também oferece as aulas de clipes ativistas, destinadas a qualquer pessoa interessada a partir de



Fotos: Daniel Ruella

*Professor Diego Bion ensina Luiz Carlos a fotografar em atividade externa*

17 anos, sem limite de idade, e que esteja cursando ou tenha concluído o ensino médio, além do chamado Cinema na Sala de Aula, no qual o público-alvo são educadores, que podem ser professores, pedagogos, ativistas culturais ou profissionais envolvidos com projetos na área da educação. Todos os anos, segundo a produtora da escola Luana Pinheiro, a metodologia de ensino muda, então novos cursos para pessoas maiores de 17 anos podem surgir.

Fora as aulas de videoarte, que são ministradas pelos mediadores da ELC, as outras são realizadas por parceiros do projeto. Clipes ativistas, por exemplo, é dado pelo Cineclubes Mate com Angu, que tem o objetivo de atender a Baixada Fluminense e visa discutir amplamente a produção e exibição de filmes no âmbito social e estético da região. A Universidade Federal Fluminense (UFF), outra parceira, aplica o curso de Cinema na Sala de Aula. “O curso

de Clipes ativistas é interessante, pois os alunos podem sair às ruas para produzir filmes ativistas, como o próprio nome diz, e fazer vídeos sobre denúncias ou coisas boas da cidade de Nova Iguaçu”, explica Luana.

Outro grande parceiro é o Laboratório Cultural, que abriga as oficinas do Senac dentro da escola. “O Laboratório Cultural nos apoia com relação ao espaço e à produção. Eles ajudam a carregar o piano, literalmente. Já o Cineclubes Buraço do Getúlio tem como principal mediador no curso de videoarte seu coordenador Diego Bion”, diz a produtora. A Petrobras colabora com o projeto, patrocinando-o desde o início de 2011.

“A cada aula nós temos um produto.” Essas foram as palavras do professor do curso de videoarte Diego Bion, ilustrando como as aulas funcionam. Os alunos sempre produzem algo novo. Ele exalta



Aula de videoarte ministrada por Diego Bion

também a importância do curso no desenvolvimento do jovem. “O objetivo é possibilitar experimentação para os alunos. Nós temos uma relação de troca com eles muito importante”, explica.

Luiz Carlos, de 14 anos, um dos alunos, gosta muito das aulas e quer seguir carreira no meio cinematográfico. “Pensei em entrar no curso para conhecer melhor a área e atualmente as aulas estão sendo bastante satisfatórias. Quero inclusive, quando crescer, me tornar um profissional no cinema”, diz.

Luana conta que a escola tem por pilar a tríade palavra, corpo e território. “A ideia é fazer com que os jovens conheçam e reconheçam melhor o lugar em que vivem, que seria *corpo e território*. Palavra fica por conta do Diário de Bordo, no qual os alunos podem colocar todas as impressões. Com isso, nós podemos acompanhar o seu desenvolvimento.”

A ELC teve a oportunidade de participar do Festival do Rio, um dos principais eventos de cinema do Rio de Janeiro, com mostras produzidas

pelos alunos com a ajuda dos mediadores, como “As aventuras de Iguaçú e sua turma”, série de animação que conta a história da personagem Iguaçú e sua irmã Iguaçwana, que tem a missão de resolver os problemas de Nova Iguaçu. A série rodou em vários festivais de cinema pelo Brasil.

Outra grande realização muito importante foi a idealização do Iguacine, festival de cinema promovido e produzido pela própria escola, e já teve três edições. “O Iguacine – Festival de Cinema de Nova Iguaçu – teve edições em 2008, 2009 e 2010. Estamos confiantes que a quarta edição seja em breve”, conta Luana. Em 2007, a ELC teve a oportunidade de produzir uma vinheta de animação para a Rede Globo, durante a transmissão dos Jogos Pan-Americanos.

#### COMO TUDO COMEÇOU

A Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu foi fundada em 2006 pelo diretor de teatro Marcos Vinicius Faustini, que já tinha uma Escola Livre de Teatro na época. Após produzir um documentário

chamado “Carnaval, Bexiga, Funk e Sombrinha”, que trata do universo dos clóvis, fantasia carnavalesca característica dos subúrbios cariocas, Faustini e sua equipe, que formam a Avenida Brasil Instituto de Criatividade Social, foram convidados pelo então prefeito de Nova Iguaçu, Lindberg Farias, a criarem um projeto de cinema.

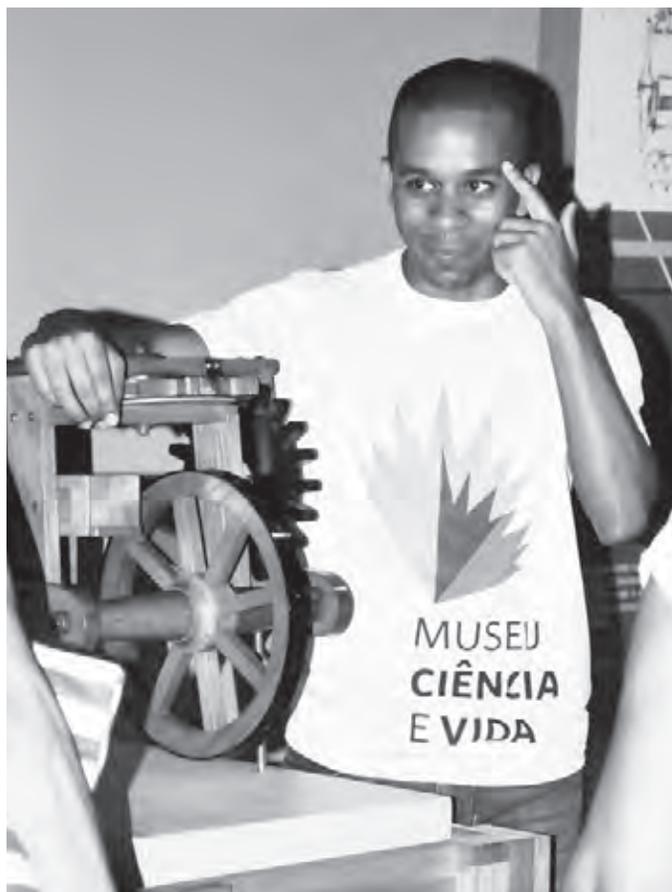
Sua inauguração teve a ilustre presença do cineasta Cacá Diegues, que produziu filmes como *Deus é Brasileiro*, *O Maior Amor do Mundo* e *Xica da Silva*. Ele, que doou seu nome à biblioteca da escola, conta que se sente orgulhoso com a homenagem. “Me sinto muito feliz e honrado, pois a Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu é um projeto exemplar. Ela consegue realmente preparar os alunos para realizarem atividades cinematográficas”, conta.

#### SERVIÇO

Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu  
Endereço: Rua Candido Lima, nº 13.  
Austin, Nova Iguaçu  
Telefone: (21) 2763-7570  
Site: [www.escolalivredecinemani.com.br](http://www.escolalivredecinemani.com.br)



O museu conta com réplicas de inventos de Leonardo da Vinci



Fotos: Daniel Ruela

O público tem à disposição 32 guias

## Um museu dedicado à ciência e à vida

*Interatividade é o ponto alto do espaço que atrai cada vez mais público em Duque de Caxias*

NATAN PEREIRA

Um dos maiores polos industriais do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, também tem opções nas áreas da cultura e da ciência. Inaugurado em 2010, O Museu Ciência e Vida mostra as exposições de uma forma diferente. Ao contrário da maioria dos espaços dessa natureza, nesse é possível o visitante interagir com os objetos expostos. Projeto da Fundação Cecierj – Divulgação Científica, o museu conta ainda com um cineclube e um planetário. A entrada é gratuita e as visitas guiadas podem ser feitas de terça-feira a domingo, incluindo feriados.

Único na região, o espaço atrai um público que não está acostumado a frequentar museus, como a professora e advogada aposentada Elza Mendonça, moradora da região, que fazia sua primeira incursão: “Nunca estive aqui. Achava que a

melhor forma de se conhecer um museu é com um grupo de amigos. Consegui fazê-lo agora e achei incrível a interatividade que existe aqui, nas exposições”.

Quem apostar na visita vai conhecer, por exemplo, um outro lado do grande pintor renascentista Leonardo Da Vinci (1452 – 1519). O autor do famoso *La Gioconda*, mais conhecido como a *Mona Lisa*, também foi um grande cientista. A exposição *Leonardo Da Vinci: Maravilhas Mecânicas* mostra a criatividade de uma pessoa que viveu no distante século XV. Entre as suas invenções está o tanque militar equipado com canhões que eram carregados e manobrados de dentro do veículo. O aparelho é considerado um antecessor do tanque blindado, que entra para a história 500 anos mais tarde, na 1ª Guerra Mundial. Da Vinci inventou também a churrasqueira, a ponte móvel e uma cidade planejada. Todas as invenções contam com protótipos ou maquetes

que podem ser tocadas e testadas pelo público. O instituto conta também com textos e esboços dos desenhos do cientista e pintor.

### EXPOSIÇÕES ITINERANTES

Ao entrar no prédio de quatro andares que abriga o museu, o visitante logo se depara com a *Exposição Nascer* que mostra a vida de um ser humano desde o encontro dos seus pais até o nascimento da criança. Fotos com nascimentos de crianças de diversas tribos ilustram o percurso.

Além das mostras sobre Leonardo Da Vinci e da *Exposição Nascer*, há no museu outras exposições itinerantes. Ao todo, são oito: *Elementar – A Química que faz o mundo*, *Tesouros do Museu Nacional*, *Reflexos dos Mares*, *Pequenos Companheiros* e *Fotografias da Ciência na Amazônia*. Uma das que mais recebem destaque é a primeira. Com o objetivo de revelar os segredos da química, ela exhibe a presença desta ciência em nosso dia-a-dia. É possí-

vel interagir com um computador e com a tabela periódica, que tem os elementos químicos devidamente representados por símbolos físicos. Ao encostá-los junto ao aparelho, toma-se conhecimento do que são e suas propriedades. Além disso, pode-se acessar vídeos, painéis e módulos interativos.

Já a mostra *Fotografias da Ciência na Amazônia* traz relatos fotográficos de excursões de nomes como o escritor e repórter jornalístico *Euclides da Cunha* e dos cientistas *Evandro Chagas* e *Oswaldo Cruz* à Amazônia. Para a assessora de comunicação do museu, Renata Bohmer, o visitante percebe a importância da imagem como instrumento de pesquisa.

O instituto conta ainda com as exposições *Reflexos dos Mares, sobre os manguezais*, expostos em 35 fotografias tiradas no Brasil e no mundo. Por fim, a mostra *Tesouros do Museu Nacional* revela parte do acervo do Museu Nacional, localizado em São Cristóvão, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro e dono de um dos maiores acervos científicos da América Latina.

O estudante Mateus Gabriel e a sua mãe Márcia Regina, moradores de Nilópolis, acham que a exposição mais



A alquimia está representada na exposição Elementar - a química que faz o mundo



Único na Baixada Fluminense, o Planetário Marcos Pontes comporta 68 pessoas

interessante é a *Pequenos Companheiros*, onde é possível conhecer o primeiro satélite artificial da Terra, através de uma réplica em tamanho real. Lançado em 1957, o Sputnik foi o precursor da Era Espacial. “Podemos conhecer os vários satélites que já foram lançados e descobrir que o Brasil teve participação em alguns deles mesmo que apenas financeiramente”, disse Márcia Regina.

O museu conta também com uma atração extra: um Planetário. Único existente na Baixada Fluminense, o Planetário recebeu o nome de Marcos Pontes, primeiro astronauta brasileiro, e conta com 68 lugares para receber aqueles que desejam conhecer melhor as constelações e o céu ao longo das quatro estações do ano. Com entrada franca, a direção distribui senhas meia hora antes das projeções na cúpula que acontecem de terça a domingo. A assessora de comunicação explica a diferença do Planetário Marcos Pontes para os outros que existem no estado. “O nosso, por contar com capacidade reduzida, é mais intimista. Aqui, há uma pessoa que explica e interage com o público, diferente dos outros em que a plateia apenas acompanha a exibição.”

O Cineclub é outra atração oferecida pelo Museu Ciência e Vida.

Com filmes e documentários, são promovidas sessões de filmes que tenham caráter científico às terças-feiras e quintas-feiras. Já aos sábados e domingos, o local se transforma em um pequeno cinema com a exibição de *blockbusters* e títulos do grande circuito.

O museu, inaugurado em 2010, já recebeu, em dois anos, mais de 85 mil visitantes, dos quais, aproximadamente, 65% são público espontâneo. Este índice supera o do Museu de Ciência e Vida de Barcelona, na Espanha.

A instituição está sendo preparada para receber até o final de 2013 mais exposições permanentes. No total, serão três: *Energia que Move o mundo*; *Viagem pelo Corpo Humano*; e *Da Gota d'Água ao Meio Ambiente* que ocuparão todo o espaço do edifício, erguido no Centro de Duque de Caxias. □

#### SERVIÇO

Endereço: Rua Ailton da Costa, s/n - 25 de Agosto, Duque de Caxias, Rio de Janeiro.

Telefone: 2671-7797

Horários: terça a sábado, das 09h às 17h; domingos e feriados das 13h às 17h

A entrada é gratuita.

[www.museucienciaevida.com.br](http://www.museucienciaevida.com.br)

# TERESÓPOLIS



*O Dedo de Deus, mais tradicional símbolo fluminense, domina a paisagem de Teresópolis*

## Glamour e tradição aos pés do Dedo de Deus

LUIZ AUGUSTO ERTHAL

**E**stampado no brasão e na bandeira fluminense, o Dedo de Deus é seguramente o mais tradicional símbolo do Estado do Rio. Desponta, do alto de seus 1.692 metros, no cenário alcantilado da Serra dos Órgãos, designação dada ao conjunto de montanhas posicionadas entre Petrópolis e Nova Friburgo, integrantes do complexo geológico da Serra do Mar, pelos imigrantes que associaram as formações rochosas com os órgãos de tubos das igrejas europeias.

O pico, cuja conquista, em 1912, por escaladores teresopolitanos, representa um marco no alpinismo brasileiro, encontra-se no centro da cadeia montanhosa, dominando, a seus pés, a cidade de Teresópolis, fundada no vale do rio Paquequer e assim batizada em homenagem à imperatriz Teresa Cristina, mulher do imperador Pedro II. Embora localizada em território do município de Guapimirim, a sugestiva montanha em forma de mão cerrada,



*A imperatriz Teresa Cristina, que inspirou o nome de Teresópolis*

apenas com o indicador apontado para o céu, é a própria imagem-símbolo da cidade.

Majestosa, altaneira e encantadora como o próprio Dedo de Deus, Teresópolis estaria destinada a ser a capital fluminense pelo fato de se localizar no centro geográfico do estado. A tese, de influência positivista, era bastante aceita pelos políticos do final do século XIX e chegou a se realizar utopicamente, através de um decreto do governador Francisco Portela, de 6 de outubro de 1890, transferindo simbolicamente a capital, de Niterói para Teresópolis. Mas, ao contrário do que se consumou no plano federal com a mudança da capital da República para o Planalto Central após a criação de Brasília, no início dos anos 60 do século passado, Teresópolis jamais abrigaria efetivamente a sede do governo do estado.

A vocação da cidade seria mesmo aquela descoberta pela família



Vista parcial da Granja Comary com o lago ao centro



Fachada do antigo Hotel Higino, no bairro do Alto

imperial brasileira, que encontrou na paz das montanhas, no frescor do clima ameno, com temperaturas médias anuais entre 16 e 20 graus, e no esplendor da Mata Atlântica – até hoje preservada por importantes parques ecológicos – um refúgio ideal para escapar da canícula do Rio de Janeiro no verão. De uma simples rota de ligação da Corte com Minas Gerais, inaugurada ainda nos tempos coloniais para escoar o ouro brasileiro com destino a Portugal, a região estaria destinada principalmente ao turismo de lazer e de veraneio.

Não um turismo qualquer. Teresópolis iria, ao longo do século XX, se destacar das demais cidades de veraneio da serra fluminense por sua sofisticação e elegância. Foi – e ainda é – frequentada por grandes empresários e suas famílias, que construíram casas deslumbrantes, formando bairros requintados sob a franja das montanhas. O gosto exigente desses *habitués* levaria ao surgimento de sofisticados clubes, hotéis, restaurantes e casas de arte.

Uma das famílias que elegeram Teresópolis como destino frequente nas férias e finais de semana foram os Guinle. Eles podem mesmo ser considerados precursores dessa preferência burguesa em relação à cidade serrana e certamente contribuíram para atrair outros magnatas, como Adolpho Bloch, criador da revista e da rede Manchete de televisão. Seu império de comunicação já desapareceu, mas sua presença na cidade permanece através da Casa de Cultura Adolpho Bloch, construída em 1985 na Praça

Juscelino Kubitschek, no bairro de Araras.

O mesmo pode-se dizer dos Guinle, que protagonizaram na segunda metade do século passado a derrocada financeira de um dos mais poderosos clãs brasileiros, mas deixaram em Teresópolis marcas indelévels do seu fausto – também presentes em monumentos como o Copacabana Palace e o Palácio Laranjeiras, atual residência oficial do governador do Estado do Rio –



Exposição e venda de flores no Orquidário Aranda

através da Granja Comary, antiga propriedade da família. O empresário Carlos Guinle sonhou criar ali uma fazenda modelo dentro da Mata Atlântica, mas o projeto não chegou a prosperar e a área, após ser loteada, transformou-se em requintado condomínio residencial aos pés do Dedo de Deus. A Granja também é conhecida por abrigar o centro de treinamentos da Seleção Brasileira de futebol, atraindo as atenções de todo o país e até do exterior nos períodos de preparação para competições internacionais, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

O centro de referência da elegância teresopolitana dos tempos dos Guinle e dos Bloch era o Hotel Higino, no bairro do Alto. O luxuoso hotel – hoje também transformado em um condomínio de apartamentos – foi frequentado por veranistas de todo o país, muitos dos quais atraídos pelo cassino que funcionou no hotel até a proibição do jogo no Brasil.

A tradição de sofisticação hoteleira vem sendo mantida por outros estabelecimentos, como o tradicional Hotel Alpina, entre muitas outras opções de hospedagem dentro e fora da cidade. Neste último bloco se encontram alguns bons representantes da alta hotelaria, como o São Moritz e o Le Canton, ambos no chamado Circuito Terê-Fri, um conjunto de excelentes hotéis e restaurantes à margem da RJ 130, rodovia que liga Teresópolis a Nova Friburgo e oferece inúmeras opções de lazer, além de belos sítios, fa-

zendas e a maior concentração de produtores hortifrutigranjeiros do estado. Entre as atrações existentes nesses hotéis figuram SPAs, piscinas aquecidas, cavalos de raça, pistas de boliche, além de outras criações excêntricas, como um rink de patinação no gelo e a réplica de um castelo medieval.

Ainda na Teresópolis-Friburgo, a par das opções da alta gastronomia oferecidas por alguns restaurantes, desperta grande interesse uma fazenda de criação de caprinos onde são produzidos queijos finos de leite de cabra. O

Capril Genève foi construído em 1995, inspirado na arquitetura suíça, e conta com um rebanho de 250 animais, sendo 70% de raça Saanen e 30% da raça Parda Alpina. A ordenha é mecânica, feita duas vezes por dia, e grande parte da alimentação dos animais é produzida na própria fazenda. O Capril recebe visitantes, que são ciceroneados por um guia que os conduz por todas as etapas de fabricação do queijo e descreve os detalhes da criação dos animais.

Mais adiante, na RJ 130, já no município de Friburgo, existe

a Frialp, uma queijaria-escola que produz e ensina os segredos dos bons queijos suíços. Os queijos nobres, porém, não são os únicos representantes da tradição culinária suíça e alemã da região. Na subida da serra, mais precisamente no município de Guapimirim, na salsicharia Alemão da Serra é de onde saem salsichas, linguiças, kassaler, eisbein e muitos outros produtos para abastecer restaurantes com cardápio alemão, não só em Teresópolis, como a tradicional Taberna Alpina, como também no Rio de Janeiro e em várias outras cidades. □

Portal ICMBio Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade/Foto: Ernesto Viveiros



*O majestoso cenário formado pelos picos do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, paraíso do montanhismo*

## UM PARAÍSO ECOLÓGICO

Localizado entre os municípios de Teresópolis, Guapimirim, Magé e Petrópolis, o Parque Nacional da Serra dos Órgãos é uma das maiores áreas de preservação ambiental de mata atlântica do Brasil e certamente a principal atração turística da região. Sua importância, porém, não reside apenas na preservação ecológica. A área, com vários picos escarpados, é um dos melhores locais do país para a prática de esportes de montanha, como escalada, caminhada, e rapel, além de possuir fantásticas cachoeiras.

O parque tem a maior rede de trilhas do Brasil. São mais de 130 quilômetros em todos os níveis de dificuldade, desde a trilha suspensa, acessível até para cadeirantes, até a pesada travessia Petrópolis-Teresópolis, com 30 quilômetros de subidas e descidas pela parte alta das montanhas. Entre as escaladas destacam-se o Dedo de Deus, considerado o marco inicial da escalada no país, e a Agulha do Diabo, escolhida como uma das 15 melhores escaladas em rocha do mundo.

Criado em 1939 para preservar a excepcional paisagem e a biodiversidade deste trecho da Serra do Mar, o parque tem 20.024 hectares protegidos e abriga mais de 2.800 espécies de plantas catalogadas pela ciência, 462 espécies de aves, 105 de mamíferos, 103 de anfíbios e 83 de répteis, incluindo 130 animais ameaçados de extinção e muitas espécies endêmicas, que só existem na região. A sede principal fica localizada na altura do quilômetro 89 da BR 116, próximo ao mirante do Soberbo e à entrada da cidade de Teresópolis.



Entrada principal da cervejaria



Salão principal, chamado de Bierfest

## PRIMEIRA CERVEJARIA MULTITEMÁTICA

Teresópolis ganhou recentemente uma atração turística que tem levado não só visitantes de outras cidades fluminenses, mas também de fora do estado a subir a serra. Primeira cervejaria multitemática do país, a Vila St. Gallen, no bairro do Alto, reúne requinte e sofisticação ao ambiente alegre e descontraído que caracteriza esses estabelecimentos. Além de reafirmar o estilo glamoroso da cidade, o lugar oferece aos frequentadores uma aula de história em torno do mundo cervejeiro que pode resultar até mesmo no aprendizado prático da produção de cervejas artesanais.

Construída pela família Claussen, fabricante das tradicionais marcas Therezópolis, Sul Americana e St. Gallen, a vila é, na verdade, um complexo erguido em uma área de 1.324 metros quadrados em estilo bávaro, inspirada na cidade suíça-alemã de Sankt Gallen, em cujo mosteiro se deu início à produção de cerveja

na Europa, no ano de 613 dC. O conjunto todo foi projetado com o propósito de remeter o visitante a um autêntico povoado germânico medieval, com o prédio principal, as casas e até mesmo uma capela construídos ao redor de uma praça, onde desponta a estátua de um arlequim zombeteiro.

Como em qualquer parque temático, o objetivo é convidar os visitantes a permanecerem por várias horas, sendo que neste as principais atrações, por suposto, são as cervejas e a gastronomia. Mas, ao optar pelo ambiente de cada salão, os clientes estarão escolhendo um tema diferente de decoração e de estilo do serviço. Garçons se apresentam vestidos de forma diferente no Bistrô 1912 (estilo belle epoque), na Abadia (monástico), no Biergarten (campestre, ao ar livre) e no Pub Alemão (urbano).

Uma das principais atrações do complexo é uma minicerveja-

ria, onde se pode conhecer todo o processo de produção da bebida. Os mais interessados podem se matricular nos cursos ministrados pelo mestre cervejeiro João Veiga para aprender teoria e prática da produção de cervejas artesanais. Nesse ambiente existe uma linha do tempo contando a história da cerveja no mundo, com destaque para o estabelecimento da Lei da Pureza, de 1516, que definiu os quatro elementos essenciais da cerveja: malte de cevada, lúpulos aromáticos, água e fermento. Eles são representados por uma estrela de seis pontas, das quais as outras duas simbolizam mais dois elementos da alquimia responsável pela obtenção da cerveja: o ar e o fogo.

### SERVIÇO

A Vila St. Gallen fica localizada na Rua Augusto do Amaral Peixoto, 166, Alto, Teresópolis. Telefone: (21) 2642-1575. Site: [www.vilastgallen.com.br](http://www.vilastgallen.com.br). Visitas guiadas de grupos podem ser agendadas pelo telefone.



Vista parcial da Vila St. Gallen



A figura do arlequim no centro da praça

# Da Sibéria para Teresópolis, o requinte da culinária aristocrática russa

Entre várias e excelentes opções gastronômicas, um restaurante se destaca em particular, não só pela qualidade de seus pratos, mas pela história incomum de seus fundadores – o casal siberiano Mikahil Flegonotovitch Smolianikoff e Eupraxia Wladimirovna Smolianikoff, a “Dona Irene”, que dá nome ao estabelecimento. Eles já estavam na casa dos 70 anos quando, em 1964, após correrem o mundo em sucessivas aventuras, criaram na zona rural de Teresópolis aquele que viria a ser considerado o mais notório restaurante russo do país e um ícone da sofisticação culinária da cidade.

A tradição da boa mesa russa, com todos os seus requintes e circunstâncias, foi o que restou à aristocrática dona Irene – nome adotado por ela no Brasil – após sobreviver a duas das mais explosivas e sangrentas revoluções do século XX. Descendente de uma rica família siberiana, ela criava porcos em uma pequena propriedade à margem da rodovia Teresópolis-Friburgo, quando, por influência de um amigo, resolveu começar modestamente o seu restaurante. Os primeiros fregueses eram servidos em sua própria mesa de jantar, numa casa que em nada lembrava os palacetes da sua infância na Rússia, mas a riqueza dos pratos e a elegância do serviço começaram a atrair mais e mais comensais. Nascia, assim, um dos



Foto: Album de família

*Dona Irene em trajes festivos na China*

mais bem-sucedidos casos da alta gastronomia brasileira.

O caminho de dona Irene até Teresópolis foi pavimentado por experiências dramáticas. Aos 17 anos ela se casou com Mikahil, um capitão da guarda imperial do czar russo Nicolau II, mas pouco aproveitou da vida aristocrática após o casamento. Sua família foi dizimada em um ataque dos bolcheviques à sua casa, do qual ela foi a única sobrevivente. Após haverem escapado da perseguição dos revolucionários comandados por Lenin, ela e o marido fugiram para a China numa longa viagem de três anos através da Sibéria, deixando para trás todos os bens e títulos.

Viveram em várias cidades, como Pequim e Beijing, ganhando dinheiro e status novamente através do comércio de peles. No entanto, mais uma vez ela iria se ver no epicentro de um dos mais devastadores furacões políticos do século passado. Outra revolução comunista, esta liderada por Mao Tsé Tung, iria tragar o resultado do trabalho do casal, forçando-o a fugir mais uma vez, agora para o Japão, que se recuperava da derrota na II Guerra Mundial. Passaram, ainda, por outros países, como Filipinas, onde viveram em praias, alimentando-se apenas dos peixes que pescavam, até chegarem ao Brasil, entrando pelo Paraná.



*Uma das requintadas salas de refeições do restaurante Dona Irene*

Quando se mudaram para Teresópolis, eles pouco tinham além das memórias dramáticas, da enraizada cultura aristocrática russa e da requintada formação recebida na Sibéria. Dona Irene falava vários idiomas – russo, francês, chinês, mongol e o português, que aos poucos aprendia. Certo dia ela recebeu em seu modesto restaurante a visita de Adolpho Bloch, de origem ucraniana e que também havia deixado a Rússia após a revolução bolchevique. Impressionado com a história de vida de dona Irene e com a qualidade de sua cozinha, produziu reportagens sobre ela na revista *Manchete*, àquela época uma das mais importantes do Brasil, transformando rapidamente o seu negócio com a repentina notoriedade.

Dona Irene mudou-se, com seu restaurante, da localidade rural de Albuquerque para o centro de Teresópolis, onde expandiu o

negócio, que se mantém até hoje, mesmo depois de vários anos após sua morte, como uma das mais importantes referências gastronômicas não só da região serrana fluminense, mas de todo o país. O estabelecimento é o único do respeitado Guia Quatro Rodas a manter as suas duas estrelas por mais de 20 anos.

Almoçar no Dona Irene é como experimentar uma viagem no tempo à Rússia imperial e às tradições aristocráticas de uma das culinárias mais requintadas do mundo. A refeição é servida numa sequência que pode ser dividida em quatro etapas. Na primeira, servem-se os *zakuskis*, que podem ser traduzidos por “pequenos bocados”: uma variedade de frios, como o caviar, o arenque, o salmão, patês e saladas, acompanhados de pequenos e incontáveis cálices de vodka caseira, produzida artesanalmente e considerada a alma da refeição russa.

Na segunda etapa vem a sopa *borscht*, acompanhada de pequenos pastéis – os *pirozhkis*. A seguir são servidas diversas entradas quentes, como asas de frango gratinadas, panquecas de camarão, *blinis*, *suflês* etc. Na terceira, serve-se o prato principal, à escolha do cliente: frango a Kiev, *varênique*, *pojarsky*, *podjark*, *caquille* e *strogonoff*. Por fim, na quarta e última etapa, entram as sobremesas: *Charlotte* russa, supremo de nozes com chocolate, *pavê* de pitanga e panquecas flambadas no conhaque.

#### **SERVIÇO**

O restaurante Dona Irene fica na Rua Ten. Luiz Meirelles, 1800, Bom Retiro, Teresópolis. Reservas devem ser feitas pelos telefones (21) 2742-2901 e 2643-3813. Site: [www.donairene.com.br](http://www.donairene.com.br).



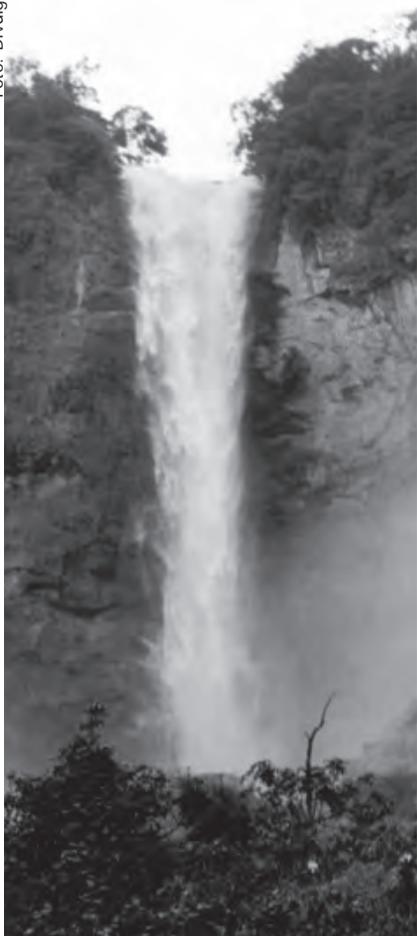
Magé preserva a estação da primeira estrada de ferro do Brasil



O antigo pier de Guia de Pacobaíba, no fundo da Baía de Guanabara

Fotos: ASCOM/Gerson Peres

Foto: Divulgação



Em Sumidouro, a Cascata do Conde D'Eu é atração

## Por montanhas e vales, entre a Guanabara e o Paraíba do Sul

Teresópolis se encontra no centro geográfico e econômico de uma região que se estende desde o recôncavo da baía de Guanabara até a margem do rio Paraíba do Sul, na divisa com Minas Gerais. No seu entorno estão municípios que, de alguma forma, se relacionam econômica e culturalmente com a cidade da imperatriz Teresa Cristina: Magé, Guapimirim, Sumidouro e Sapucaia.

Magé é uma das cidades de maior carga histórica da região, tendo alcançado importância econômica e geográfica considerável em alguns momentos de desenvolvimento do país. Localizada no fundo da baía de Guanabara, tinha no porto de Estrela uma rota importante para o escoamento da produção cafeeira. Em 1854, Irineu Evangelista de Souza, o Barão e Visconde de Mauá, inaugurou no município, juntamente com o Imperador Pedro II, a primeira estrada de ferro do Brasil. A estação de Guia de Pacobaíba, assim como as estruturas do píer, ainda preserva-

das, são marcos históricos de Magé.

Emancipado há poucas décadas de Magé, Guapimirim herdou a honra de abrigar o Dedo de Deus, que, ao contrário do que muitos pensam, não se encontra no território de Teresópolis, apesar da sua proximidade com essa cidade. Também a Guapimirim pertencem boa parte do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, incluindo uma de suas sub-sedes, e o Museu Vom Martius, onde podem ser apreciadas diversas espécies da flora e da fauna típicas da mata atlântica.

Acima de Teresópolis estão localizados os municípios de Sapucaia e Sumidouro, este já confrontando com o território mineiro, através do rio Paraíba do Sul. Entre as várias atrações naturais do município está a Cascata Conde D'Eu, com uma queda d'água de 160 metros, a mais alta do rio Paquequer, descrita por José de Alencar no livro *O Guarani*. Sapucaia, por sua vez, se destaca pelo turismo rural, tendo sido uma importante região produtora de café no passado. □

Sindiciei: Batão/Mult Mix



Prédio da prefeitura de Sapucaia é destaque arquitetônico da cidade



Fazenda de Sapucaia retratada por Nicolau Franchinetti (1880)

Fachinetti / curadoria Carlos Martins e Valéria Piccolo - Rio de Janeiro: CCBB, 2004, p.10

O Rioprevidência Cultural é um local destinado aos servidores ativos e aposentados, pensionistas do Estado do Rio de Janeiro e ao público em geral. Com programas especialmente planejados para atender às demandas dessa população, o Rioprevidência Cultural proporciona atividades de treinamento, entretenimento, cultura, além de uma sala de leitura e uma sala de treinamento com computadores e acesso à internet.

A programação do Rioprevidência Cultural é atualizada mensalmente e tem como foco o público da 3ª idade, que carece de opções de lazer e cultura necessários para a manutenção de mente e corpo sãos.

Em sua grade fixa é possível encontrar aulas de dança, teatro, línguas, informática, artesanato, pintura e muito mais. Mensalmente há atividades especiais, como palestras, shows, passeios e outros.

**Horário de funcionamento:**  
Das 9h às 17h.  
[www.rioprevidencia.rj.gov.br](http://www.rioprevidencia.rj.gov.br)

**Atividades  
Gratuitas**

Rioprevidência Cultural  
Av. Professor Manuel de Abreu, 300  
Maracanã  
Tel: (21) 2334-2207  
[rioprevidencia.cultural@rioprevidencia.rj.gov.br](mailto:rioprevidencia.cultural@rioprevidencia.rj.gov.br)



A Escola de Educação Financeira do Rioprevidência é um espaço de interatividade e aprendizagem com o objetivo de construir habilidades nas áreas de economia e finanças de forma didática e diferenciada. Ela contribui para que as pessoas possam melhorar suas decisões relativas ao consumo, poupança e utilização de créditos, permitindo uma administração responsável e consistente dos próprios rendimentos e bens.

Com aulas e palestras de educação financeira básica, endividamento, investimento em ações, entre outras, a

Escola visa atender a jovens da rede pública Estadual, adultos, servidores públicos, idosos, aposentados e pensionistas do Rioprevidência, além dos demais interessados em participar do programa.

Com parceiros de renome como CVM, BM&F Bovespa, Anbima, Apimec e INI, a Escola consegue montar uma programação de cursos bem completa e diversificada para atender a todos.

**Horário de  
funcionamento:**  
Das 9h às 17h.

Inscrições abertas:  
[www.rioprevidencia.rj.gov.br](http://www.rioprevidencia.rj.gov.br)

**Atividades  
Gratuitas.**

**Escola de Educação Financeira**  
Rua Felipe Camarão, 83 – Vila Isabel  
Tel: (21) 2334-1846  
[eef@rioprevidencia.rj.gov.br](mailto:eef@rioprevidencia.rj.gov.br)

# Você com estágio, salário e um futuro inteiro pela frente.

Os alunos da 2ª série do Ensino Médio da rede estadual, a partir de agora, terão estágio remunerado nas secretarias e órgãos do Governo do Rio de Janeiro. Assim, o jovem conhece uma carreira e fica mais fácil definir seu futuro.

Inscreva-se: [www.rj.gov.br/educacao](http://www.rj.gov.br/educacao)



SOMANDO FORÇAS

SECRETARIA  
DE EDUCAÇÃO

